



Julho-Agosto de 2007

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja



**Marcas da
igreja ideal**

**Teologia da
oração**



Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo

Análise da declaração batismal de Mateus 28:19

Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -



Nikolaus Satelmajer

Editor de Ministry

O jardim do Senhor

Não faz muito tempo, minha esposa e eu visitamos a Universidade Adventista de Fridensau, localizada a aproximadamente uma hora distante de Berlim, Alemanha. Essa é uma das grandes universidades de nossa igreja, que provê treinamento para o ministério pastoral além de oferecer cursos em outras áreas.

No bem conservado campus, visitamos o jardim da Bíblia, que reúne uma seleção de 110 plantas, árvores, flores, vegetais e ervas mencionados nas Escrituras Sagradas. Certamente, já lemos os textos que se referem a eles; porém, ver tudo aquilo em um só lugar é uma experiência muito especial. Embora represente um longo período depois que o jardim do Éden foi retirado da Terra, aquele jardim ainda nos lembra o poder criativo de Deus e Seu amor pela beleza.

Enquanto nós caminhávamos através do jardim, lembrei-me de que Deus cultiva outro jardim, composto de pessoas. Especificamente, estou agora pensando em um jardim repleto daqueles que foram chamados para ser pastores, administradores, professores, capelães e servidores missionários em outras áreas. O que vê nosso Deus nesse “jardim ministerial”?

Seguramente, Ele vê muitos pastores valiosos que, à semelhança da “palavra dita a seu tempo”, são “como maçãs de ouro em salvas de prata” (Pv 25:11). Esse valor não é decorrente da posição ocupada, mas dos papéis que cumprimos. Na verdade, alguns entre nós cometemos o engano de determinar nosso valor por nossa posição. Essa não é a visão de Deus. Alguns dos mais valiosos pastores são aqueles que fielmente cumprem o seu chamado, mas são desconhecidos fora de sua área imediata de responsabilidade.

Outros pastores “brotarão como a erva, como salgueiros junto às correntes das águas” (Is 44:4). Talvez, você já tenha experimentado um reavivamento em seu ministério; quem sabe, ajudou um colega a experimentar tal reavivamento. Em ambos os casos, renovada alegria tem inundado sua vida. Entretanto, há razões para preocupação dentro do jardim.

Depois de algumas palavras introdutórias, o profeta Joel pinta um quadro desanimador do julgamento sobre a Terra e o povo. E termina seu discurso com estas deso-

ladoras palavras: “A vide se secou, a figueira se murchou, a romeira também, e a palmeira e a macieira; todas as árvores do campo se secaram, e já não há alegria entre os filhos dos homens” (Jl 1:12).


Esses versos podem descrever, tragicamente, o ministério de alguns pastores: campos áridos, sem esperança em relação ao futuro. Alguns não encontram qualquer razão para continuar seu ministério, porque “já não há alegria”. Que condição trágica!

Porém, existe esperança. No mesmo jardim, encontramos vides e esperança associada com elas. As palavras de Jesus: “Eu sou a videira verdadeira e Meu Pai é o agricultor” (Jo 15:1) nos dão a esperança necessária. Estamos sob o cuidado de Deus, e não necessitamos nos desesperar. Todos nós, mesmo aqueles que possuem pouca esperança, podemos encontrar vida nAquele que é a “videira verdadeira”.

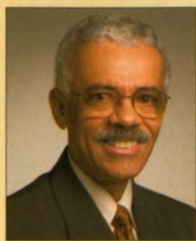
Hoje é um novo dia. E cada dia é tempo oportuno para reavaliar nossa vocação, nossos motivos, nossa vida. Assim como o jardineiro constantemente presta atenção à condição do jardim, e assim como Deus vigia Seu jardim pastoral, também nós necessitamos nos avaliar. Aqueles que, nessa avaliação, percebem que o orgulho tem sido obstáculo no trabalho podem se voltar ao Servo dos servos – Jesus Cristo. Quem está desanimado pode aproveitar essa oportunidade

para renovar sua vida no Senhor. O que perdeu seu foco pode recomeçar, nos passos de Jesus que jamais perdeu de vista Sua missão.

Os que cometeram deslizes podem ouvir as palavras de aceitação e restauração dAquele que não rejeita ninguém. Os que pensam em renunciar podem gastar tempo com Aquele que os ajuda a reencontrar direção no ministério. Aqueles cuja vida de oração se secou podem buscar o Senhor, que pode regar a aridez e restabelecer a ligação.

Sugiro que todos nós aproveitemos a oportunidade deste dia que o Senhor nos dá para renovar nosso compromisso com Ele, atendendo Seu convite: “Permanecei em Mim, e Eu permanecerei em vós” (Jo 15:4). Que maravilhosa oportunidade para nos aproximarmos de Cristo, olhando pela fé o futuro que está em Suas mãos! 

*“Todos nós
podemos
encontrar vida
nAquele que
é a videira
verdadeira”*



William de Moraes

Em nome da Divindade

Após concluir Seu ministério terrestre, estando prestes a ascender ao Céu, Jesus Cristo não deixou dúvidas quanto ao projeto de expansão do movimento por Ele estabelecido: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado...” Mt. 28:19, 20. Essa é a grande comissão evangélica, a qual define com clareza singular o principal objetivo da existência da igreja: ser uma agência missionária, produtora de discípulos que devem ser batizados “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

Incorporado na própria natureza missionária da igreja está o entendimento de que, “cada homem e mulher que tem o conhecimento da verdade deve ser um coobreiro com Cristo. ... Ele requer que os leigos atuem como missionários” (Ellen G. White, *Review and Herald*, 13/11/1833). E, a exemplo de Jesus, é no batismo que o crente é ungido para tal ministério. Como diz Russel Burril, “o batismo precisa ser compreendido como mais do que um símbolo de perdão dos pecados. Isso, sem dúvida alguma, é inerente ao batismo, porém as Escrituras sugerem mais. Há forte evidência no Novo Testamento de que o batismo contém o símbolo da ordenação de todos os crentes ao sacerdócio” (*Discípulos Modernos*, p. 38).

Porém, nada disso parece ter significado para a mentalidade antitrinitariana, cujos partidários alegam que Mateus redigiu seu evangelho inicialmente em hebraico,

e esse original não continha a fórmula batismal trinitariana. Somente depois que o referido evangelho foi vertido para o idioma grego, é que houve a interpolação do texto, nos termos em que hoje é conhecido. Entretanto, o testemunho bíblico, histórico e dos escritos de Ellen G. White aponta para a autenticidade de Mateus 28:19.

É importante lembrar que o próprio evangelho de Mateus atesta a presença das três pessoas da Divindade no batismo de Jesus (Mt 3:16, 17). Comentando esse episódio, diz Gerhard Pfandl, do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral: “O relato do batismo de Jesus é uma notável manifestação da doutrina da Trindade – ali estava Cristo em forma humana, visível a todos; o Espírito Santo descendo sobre Cristo em forma corpórea, com uma pomba; e a voz do Pai falou do céu: ‘Este é o Meu Filho amado, em quem Me comprazo’. ... Portanto, é difícil, se não impossível, explicar a cena do batismo de Cristo de qualquer outra forma a não ser admitir que há três pessoas na natureza ou essência divina.”

Com isso em mente, Pfandl faz o seguinte comentário sobre Mateus 28:19: “Primeiro, notamos que ‘em nome’ (*eis to onoma*) é singular, não plural (‘nos nomes’). Ser batizado em nome das três Pessoas da Trindade significa identificar-se a si próprio com tudo o que a Trindade representa; confiar-se ou entregar-se ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.” (*Parousia*, 2º semestre de 2005, p. 9). É assim que somos enviados a cumprir a missão.

Zinaldo A. Santos

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Ano 78 – Número 04 – Julho/Agosto 2007
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos
Assistente de Redação: Lenice F. Santos
Revisoras: Josiélli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza
Projeto Gráfico: Alexandre G. Streicher; Marcos S. Santos
Programador Visual: Rogério Porto
Capa: Rogério Porto
Foto: Willian de Moraes

Colaboradores Especiais:
Alejandro Bullón; Ranieri B. Sales;
James Cress; Nikolaus Satehmajer

Colaboradores:

Acilio Alves Filho; Abner Tello Panduro;
Eugenio Jará Morán; Francisco C. Bussons;
Graciliano M. Filho; Ivanaudo B. Oliveira;
José S. da Silva Jr.; Moisés Rivero; Patrício B. Alfaro;
Roberto Gullón; Valdilho Quadrado

Diretor Geral: José Carlos de Lima
Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes
Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

LIGUE GRÁTIS: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br / E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:
www.dsa.org.br/revistaministerio
www.dsa.org.br/revistaelministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:
Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Tiragem: 5.500 exemplares

5953/17583

Assinatura: R\$ 44,00
Exemplar Avulso: R\$ 9,20
Norte – Assinatura: R\$ 49,80
Exemplar: R\$ 10,38



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
Editora das Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatui, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio,
sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

9 A IGREJA E A SOCIEDADE

Prioridades que devemos focalizar no exercício de nossa missão.

12 PECADORES NAS MÃOS DE DEUS

De que modo os ímpios receberão seu castigo final.

16 JESUS TAMBÉM CHOROU

Cuidados a serem observados no aconselhamento pastoral.

17 BATISMO EM NOME DA TRINDADE

Estudo bíblico, lingüístico e histórico da fórmula batismal de Mateus 28:19.

21 PLANEJANDO O CULTO

Sugestões para melhorar a liturgia de sua igreja.

23 TEOLOGIA DA ORAÇÃO

Conceitos teológicos que ampliam o significado da prece.

26 VIRANDO O JOGO

Idéias para reverter situações adversas na evangelização.

28 MARCAS DA IGREJA IDEAL

Que lições a comunidade cristã de Antioquia nos ensina hoje.

**Seções**

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“Existem homens que podem viver de qualquer maneira e, ainda assim, mostrar-se como expressivos comunicadores. Porém, tenho a opinião de que a unção do Espírito Santo não cairá sobre o pregador cuja vida não esteja mergulhada na própria mensagem.”
Benjamin Reaves

Suprema paixão

“A vida do pregador deve estar embebida por sua pregação, e esta deve crescer a partir de sua vida”

por Derek J. Morris e Zinaldo A. Santos

Entre os mais expressivos pregadores adventistas do sétimo dia, destacam-se os pastores E. Earl Cleveland e Benjamin Reaves. O pastor Cleveland serviu como secretário ministerial da Associação Geral da Igreja Adventista, de 1954 a 1977, depois de atuar como pastor de igreja e secretário ministerial de Associações e Uniões norte-americanas. Depois de servir à AG, Cleveland foi professor de Teologia no Oakwood College e professor visitante na Universidade Andrews. Como evangelista, conduziu mais de sessenta campanhas em todo o mundo e levou ao batismo mais de dezesseis mil pessoas. O pastor Cleveland também se revelou como personalidade influente em seu país de origem tendo participado ativamente em favor da igualdade social, inclusive ao lado de Martin Luther King. Por duas vezes, foi convidado pelo ex-presidente Ronald Regan para ir à Casa Branca, a fim de participar de discussões sobre assuntos nacionais e internacionais. Entretanto, nada disso, aliado ao fato de ser também prolífico escritor, superou a paixão pela pregação do evangelho, tarefa que ele considera ser “a suprema função” de sua vida.

Tendo sido aprendiz do pastor Cleveland, o Dr. Benjamin Reaves dedicou boa parte de sua vida ao magistério, ser-

vindo como diretor do Departamento de Teologia e Religião do Oakwood College, onde também foi professor de Homilética, posteriormente assumindo a diretoria geral da Faculdade. Também foi vice-secretário da Associação Geral. Atualmente, o pastor Reaves é vice-diretor do Sistema Adventista de Saúde, sediado em Orlando, Flórida. Conhecido, entre outras muitas virtudes, por sua habilidade em pregar não mais que trinta minutos, Reaves considera a pregação como “a comunicação da verdade de Deus, pelo poder de Deus e para os propósitos salvadores de Deus”. Ele insiste em dizer que “o objetivo da pregação é motivar pessoas a aceitar a vontade e o plano de Deus para sua vida, e o sermão é o veículo para comunicar a verdade bíblica”.

Nesta entrevista, concedida a Derek Morris, pastor em Apopka, Flórida, esses dois ícones da pregação adventista falam de sua experiência na preparação e apresentação de sermões, emitindo conceitos verdadeiramente inspiradores para os pregadores modernos.

Ministério: Confesso que é um privilégio falar com dois grandes especialistas na sagrada arte de pregar. Como alguém pode saber que foi chamado para ser pregador?

Cleveland: Um homem conhece que foi chamado para o ministério da



E. Earl Cleveland



Benjamin Reaves

pregação quando a vontade que ele tem de pregar o evangelho eclipsa e exclui todas as profissões que podem competir com esse desejo.

Ministério: O senhor começou seu ministério de pregação muito cedo. Acaso, chegou a considerar a possibilidade de fazer qualquer outra coisa como alternativa à pregação do evangelho?

Cleveland: Não. Desde criança, eu tinha um alvo em mente: ser pregador. Jamais desejei fazer ou ser qualquer outra coisa na vida. Quando eu era um garoto pregador, meu pai já me levava a diferentes igrejas – batista, metodista, congregacional. Durante os últimos sessenta anos, tenho pregado o evangelho em todos os continentes, exceto a Antártica. Lá deve ser muito frio para meu sangue originário do Alabama.

Ministério: Por que a pregação é tão importante para o senhor?

Cleveland: A pregação é a suprema função do pastor, fruto da unção do Espírito Santo. É pela loucura da pregação que homens e mulheres são persuadidos a entrar no reino de Deus. A pregação é o meio primário de Deus para salvar homens e mulheres. E a fim de que a pregação seja efetiva, deve ser ungida pelo Espírito Santo. A Palavra de Deus deve ser interpretada na men-

te e através da mente do pregador. Um ser humano assim autorizado pelo chamado divino e capacitado pelo Espírito Santo tem um poder que não pode ser desconsiderado.

Ministério: *E quanto ao senhor, Dr. Reaves, tendo sido aprendiz do Dr. Cleveland, como tem desenvolvido hoje seu potencial como pregador?*

Reaves: Desde minha infância, tenho sido um leitor voraz. Isso me põe em contato com o ritmo e o som da linguagem. Enquanto estou escrevendo meu sermão, estou ouvindo. H. Grady Davis fala a respeito de escrever para ouvir. As palavras necessitam ser faladas de modo que sejam direcionadas ao ouvido. Aprecio muitíssimo uma frase bem torneada. Palavras de uma frase assim permanecerão durante muitos anos com as pessoas. Ter sensibilidade para o ritmo e o som da linguagem é um tremendo recurso.

“É pela loucura da pregação que homens e mulheres são persuadidos a entrar no reino de Deus”

Ministério: *Que tipo de livros o ajudou a desenvolver essa sensibilidade?*

Reaves: Eu leio tudo, desde que seja escrito por bons escritores.

Ministério: *Como o senhor inicia o processo de desenvolver um sermão bíblico?*

Reaves: Tudo começa com uma idéia que me dirige a um texto, ou um texto que me dirige a uma idéia. Qualquer que seja o caso, eu termino com um texto. É como Henry Mitchell disse: “se você não tem um texto, você não está pregando”. Minha autoridade como pregador não está somente ligada às Escrituras; está acorrentada a elas. Eu sou discípulo de Grady Davis, de modo que minha primeira questão é: O que este texto está dizendo? Esse

é o ponto zero para mim. Até aqui, ainda não estou no sermão; estou trabalhando com a passagem. A respeito de que ela está falando? Então, a leio em várias versões, pesquiso em comentários exegéticos. Tendo esgotado esse estudo do texto, posso agora elaborar um esboço que vai modelar o sermão. Neste ponto, pelo menos, tenho uma clara compreensão sobre o que a passagem está falando. Necessito estabelecer o que o texto está dizendo, para que possa avançar à próxima questão: O que eu quero transmitir com isto? Alguém pode contestar, dizendo: “Este ponto já foi estabelecido. Você apenas necessita dizer às pessoas o que o texto diz.” Porém, eu posso querer focalizar pequenas porções, digamos, secundárias do texto. Agora que eu fiz a mim mesmo a pergunta estrutural: “O que o texto diz, e o que quero dizer a respeito disso?”, estou saindo do processo com algum modelo de estrutura. Necessito deste esqueleto. De outra forma, posso desperdiçar algum tempo reunindo material que não será usado. Depois desse período inicial de estudo, necessito me desligar um pouco e deixar o subconsciente trabalhar com o material adquirido. Isso pode acontecer enquanto realizo visitas pastorais, dirijo o automóvel ou me encontro fazendo qualquer outra coisa. Então, vem o trabalho de colocar a carne no esqueleto. Geralmente, isso acontece quando começo a escrever. O trabalho de escrever ajuda a eliminar o que não é absolutamente necessário para a apresentação do sermão. Começo a escrever os primeiros elementos da mensagem, geralmente quarta-feira à tarde. Sei que outros pontos serão adicionados ao que está escrito, mas esse processo me ajuda a ter bem claro o que vou dizer e a tornar bem assimilável a aplicação pretendida. A partir do estudo inicial, já sei aonde quero chegar. E meu subconsciente diz: “Agora, posso ajudar você.” Os pensamentos afloram à mente; as percepções começam a se abrir. À medida que você caminha através do sermão, precisa obter senso de tempo, tanto no preparo como na apresentação da mensagem. Tudo tem começo, meio e fim. O ponto final do período de preparo é deixar o sermão falar a você. Algumas vezes, esse ponto final revela que alguma coisa está faltando; uma ligação que está faltando para o ouvinte. Ou pode revelar tam-

bém alguma coisa que precisa ser suprimida. É nesse ponto que a paixão assume o domínio; começa o incêndio. Então, ao pregar, esteja aberto ao fato de que pode haver mudanças motivadas pela reação ou dinâmica congregacional e, de repente, se ver elaborando sobre um ponto que não fazia parte do plano original.

Ministério: *O que os senhores têm a dizer sobre o apelo?*

Cleveland: Eu sempre faço um apelo quando prego. Cristo disse a Seus discípulos que os tornaria “pescadores de homens”. Quando você atira na água o anzol e a isca, seu objetivo é apanhar peixes. Semelhantemente, o principal objetivo da pregação é persuadir as pessoas. O apelo é importantíssimo, na realidade, é indispensável. Não podemos deixar de convidar os ouvintes a tomarem decisão ao lado de Cristo. Vou lhe contar um incidente que confirmou em minha mente o fato de que não podemos dispensar o apelo na pregação. Num certo domingo à noite, eu estava pregando em Chicago. Na verdade, eu pregava um sermão vigoroso e me achava tão concentrado que não observava a resposta das pessoas. Apesar de todo o meu entusiasmo, sem perceber a reação delas, cheguei a pensar que as coisas não estavam funcionando bem. Assim, ao terminar a mensagem, senti-me sem fazer o apelo. Para minha surpresa, enquanto cantávamos o último hino, um homem veio à frente e ficou em pé diante do púlpito. Ele respondeu a um apelo que não foi feito! Naquele dia, tomei a decisão de nunca mais terminar um sermão sem fazer apelo.

Ministério: *Como o senhor planeja seus apelos?*

Cleveland: Sempre apresento aos ouvintes três realidades a respeito de Deus: Ele está desejoso, é capaz e está disponível. Essa deve ser a estrutura de qualquer apelo. Quando digo que Deus está desejoso, dirijo a atenção para a cruz. Ela expressa a boa vontade de Deus para nos salvar. Ao mostrar Deus como sendo capaz, falo sobre o ladrão na cruz e como o Senhor o salvou. Se Deus foi capaz de salvar um ladrão, no último instante da vida desse homem, Ele pode salvar qualquer pessoa hoje, em qualquer situação ou condição. Então, digo que Deus está disponível e de-seja que todos venham a Ele, agora.

Ministério: *Muitas vezes, é dito que os demônios tremem quando pregadores anunciam ousadamente a Palavra de Deus, sob o poder do Espírito Santo. As forças das trevas não apreciam ver indivíduos posicionando-se ao lado de Cristo. Poderia citar algumas batalhas espirituais que o senhor já experimentou em sua experiência de pregador?*

Cleveland: Lembro-me de uma vez em que eu estava pregando em São Petesburgo, na Flórida. Uma irmã, membro de nossa igreja naquela área, tinha casado com um assassino; um homem realmente muito mau. Por causa disso, ela acabou se afastando da igreja, mas resolveu assistir às palestras que eu estava fazendo ali e estava decidida a retomar sua caminhada com Jesus. Em uma sexta-feira à noite, ela me procurou e, com lágrimas deslizando em sua face, disse: “Meu marido falou que se eu for batizada, ele me matará e matará também a pessoa que me batizar. Que posso fazer?” Respondi-lhe que eu estava seguro de que seu esposo não poderia matá-la nem me mataria. No fim de semana seguinte, ela estava novamente na igreja. Era dia de batismo e ela estava sentada entre os que seriam batizados. Comecei a pregar e, em determinado momento, vi que um sofisticado automóvel vermelho parou em frente ao templo. Também percebi que o esposo da nossa irmã estava nesse automóvel. Posteriormente, eu soube que também havia uma arma carregada no assento traseiro do carro. Imaginei a razão pela qual ele chegara até ali, mas não me perturbei e continuei pregando. Subitamente, ouvi barulho de sirenes, e uma ambulância parou ao lado do automóvel. Paramédicos desceram da ambulância, tiraram o homem do carro e o levaram para um hospital onde ele chegou morto. Ele tinha atirado em si mesmo, a poucos metros dali, mas ainda conseguiu chegar à porta do templo. Em suma, o homem que planejou me matar acabou tirando sua própria vida. Em outra ocasião, eu me encontrava pregando na Carolina do Norte, quando um homem entrou e se sentou. Esse homem levava consigo uma arma dentro de uma bolsa e tinha o dedo pronto no gatilho. Por quatro vezes, durante o sermão, ele se levantou, andou um pouco à frente e voltou. Finalmente, ele se sentou de novo, dirigiu-se para alguém que estava do seu lado e disse: “Toda vez que eu tento atirar neste homem algo como uma

cortina de fogo aparece entre nós.” Em seguida, diante do espanto e surpresa de seu ouvinte, ele se levantou e apressadamente saiu do local.

Ministério: *E o que o senhor fez, depois disso?*

Cleveland: Bem, no fim da série de pregações, eu batizei o homem que estava sentado junto ao que tentou me matar e, ele deu seu testemunho do que viu naquele dia. Certamente, foi uma batalha espiritual, mas a proteção do Altíssimo estava sobre mim. Todo pregador necessita de proteção espiritual quando proclama a Palavra de Deus.

“O pregador precisa orar, meditar, estudar, trabalhar e permanecer unido a Deus a fim de pregar cada vez melhor”

Ministério: *Quão abrangente é essa proteção na vida e experiência do pregador?*

Reaves: A proteção divina, extremamente necessária ao pregador, deve ser buscada intensa e ininterruptamente. Ela não se limita apenas ao aspecto físico. Acima de armas de fogo ou quaisquer outros instrumentos causadores de perigo e morte física, o pregador necessita lembrar que o sucesso também pode feri-lo mortalmente no sentido espiritual. O sucesso é muito traiçoeiro. Se o pregador perder a visão do real significado da pregação, e começar a pensar que tudo o que ela é e significa gira em torno dele mesmo, certamente cairá numa armadilha perigosíssima. Já no início de seu ministério, o pregador pode ficar decepcionado com os membros da igreja, se pensar que eles o vêem como a melhor invenção, a melhor coi-

sa que já aconteceu em suas congregações. Mais tarde, amadurecido e experiente, o pregador aprecia os convites que recebe; porém, mais consciente de suas limitações e com senso de autocrítica, pode decepcionar-se consigo mesmo. Em ambos os casos, essa desilusão pode ser fatal. O importante é lembrar sempre que a pregação não gira em torno do ser humano. Lembro-me de certa vez em que, enquanto eu falava, alguém colocou em minhas mãos um bilhete no qual estava escrito: “Sua reputação de excelente é bem merecida.” Gostei muito de ler aquilo, e perdi o senso do que realmente importava. Deixei que aquela mensagem acariciasse meu ego durante algum tempo, mantendo-a em minha mente. Isso não me fez bem. Tal atitude acelerará a bancarrota de todo pregador. Eu não quero viver essa experiência. Não importa quanto sucesso o pregador experimente, dias maus poderão surgir. E, a menos que conserve em mente o fato de que a pregação não gira em torno dele, não conseguirá administrar esses maus dias. O pregador também necessita de proteção espiritual, para se livrar da incoerência ou hipocrisia. Sua vida deve mergulhar em sua pregação e esta deve crescer a partir de sua vida. Sei que existem homens que podem viver de qualquer maneira e, ainda assim, mostrar-se como expressivos comunicadores. Porém, tenho a opinião de que a unção do Espírito Santo não cairá sobre o pregador cuja vida não esteja mergulhada na própria mensagem. A proteção divina é necessária, também, por causa do perigo de o pregador cair no ridículo. Ele deve ser ele mesmo, rejeitando a mentira de que precisa seguir modelos humanos. Alguns pregadores assistem aos multicoloridos televangelistas e são tentados a pensar que têm de reproduzi-los em suas igrejas. Pregador, seja você mesmo. Seja quem você é e Deus o usará, com suas características e personalidade. Ao mesmo tempo, lembre-se de que necessita aprimorar-se e progredir cada vez mais. Ser quem você é não significa permanecer na eterna mesmice, conformado com a inferioridade ou o meio-termo. É preciso orar, meditar, estudar, trabalhar e permanecer unido a Deus, a fim de pregar cada vez melhor. E não se esqueça: esse é um compromisso para a vida inteira. Se você deseja ser melhor pregador do que é, a busca desse ideal não tem fim. ❧

A força do exemplo

“Não posso exigir de meus filhos algo que eu mesma não esteja fazendo”

AFAM

Se mãe não é missão fácil de ser desempenhada. Requer muita paciência, amor, dedicação, tato, habilidade e, acima de tudo, humildade para reconhecer falhas cometidas e aprender aos pés de Cristo. Falhamos, sim, muitas vezes. Em outras muitas vezes, demonstramos impaciência e irritação.

Lembro-me bem de um episódio que aconteceu quando meus filhos, Thiago e Álisson, ainda eram crianças, respectivamente com quatro e três anos. Residíamos em Patos, interior da Paraíba, onde meu esposo servia como pastor. Sempre fazíamos o culto, regularmente, pela manhã e à tarde. Nesses momentos, costumávamos estudar a lição da Escola Sabatina com eles, tendo o cuidado de lhes ensinar o verso áureo de cada semana.

Em determinada ocasião, ao findar a semana, pedi que o pequeno Álisson recitasse o verso áureo, e ele não conseguiu fazê-lo. Aproveitei a oportunidade para chamar a atenção dele:

– Filho, já estamos no fim da semana, e em todos esses dias estudamos a lição pela manhã e à tarde. Você ainda não conseguiu memorizar o verso? Que está acontecendo?

Naquele instante, o menino olhou para mim e, com um jeito peralta, desafiou:

– Mamãe, diga o seu verso.

Como eu gostaria de dizer que tinha memorizado o meu verso áureo! Mas, isso não aconteceu. Estava tão preocupada em ensinar o versinho das crianças, que esqueci de memorizar o meu. E fiquei muito envergonhada diante do meu filho; afinal, havia pedido para que ele fizesse algo que eu não conseguira fazer. É verdade que eu também estudava regularmente minha lição de Escola Sabatina, mas, até então, não me ocorrera memorizar o verso áureo daquela semana.

Aprendi a dura lição: em tudo, preciso ser exemplo para meus filhos. Não posso exigir deles algo que eu mesma não esteja fazendo, nem esteja

empenhada em fazer. Desde aquele dia, ao realizar o culto familiar, passei a recitar o meu verso áureo, e somente depois pedir que eles fizessem o mesmo.

“É fundamental que nossa religiosidade mostre coerência entre teoria e prática”

Absorvida a lição, tenho conservado e aplicado alguns princípios que acredito serem muito válidos para o dia-a-dia de toda família pastoral. Ei-los:

- Se desejo que meus filhos estudem a Bíblia, fazendo o ano bíblico, devo fazê-lo primeiro.
- Se desejo que eles leiam a literatura denominacional, incluindo os livros de Ellen G. White, preciso exemplificar essa prática.
- Se desejo que eles sejam fiéis na devolução dos dízimos e liberais na entrega de suas ofertas, preciso fazer isso antes.
- Se desejo que eles sejam reverentes na igreja, primeiramente, eles precisam ver que não fico do lado de fora do templo conversando, nem mesmo tratando de assuntos relacionados com o trabalho pastoral, sendo indiferente ao andamento da programação e à apresentação da mensagem.
- Se desejo imprimir neles amor e respeito pela igreja e seus líderes, não posso viver criticando-os.

Meu filho, com apenas três anos de idade, me ensinou uma grande lição naquele dia. E eu que pensava estar com a razão, ao repreendê-lo... ❧



Tereza C. Florêncio

Coordenadora da Afam na Associação Pernambucana

A igreja e a sociedade



Bert B. Beach

Ex-diretor de Deveres Cívicos e Liberdade Religiosa da Associação Geral da IASD

Devem os cristãos dedicar-se à proclamação de salvação para o mundo ou às questões puramente sociais?

Diante de nós, há uma questão que precisa ser discutida. Para uns, ela é básica; para outros, ilusória. A questão é a seguinte: Deveria a missão da igreja focalizar a evangelização e a salvação das pessoas ou tratar dos problemas da sociedade aqui e agora? Estabelecida dessa forma, essa pergunta só tem uma resposta: a missão deve focalizar a salvação, não a sociedade.

Entretanto, há um cheiro de falácia quando estabelecemos a questão nesses termos, ou seja, colocando salvação e sociedade em lados opostos. Elas devem ser colocadas em justaposição, porque a missão de Cristo, o que Ele realiza no mundo, deve tratar com salvação e sociedade. “O único remédio para os pecados e sofrimentos dos homens é Cristo. Unicamente o evangelho de Sua graça pode curar os males que amaldiçoam a sociedade.”¹ Assim, devemos focalizar a salvação e a sociedade.

Existem dois equívocos populares. O primeiro deles é a idéia de que moralidade está limitada aos assuntos comportamentais, pessoais e privados. O segundo é o pensamento de que os cristãos não necessitam se preocupar seriamente com questões públicas, seculares, políticas ou econômicas.

Os cristãos acreditam em valores morais, sendo que a dignidade e a valorização de cada ser humano criado à imagem de Deus são os mais importantes. Acaso, não flui dessa crença algum tipo de responsabilidade e moralidade social? Assim, não devem as decisões governamentais ter pelo menos alguma ligação com princípios morais, ou estar fundamentadas neles? Além disso, não vivemos nós em um mundo no qual seus componentes têm se tornado cada vez mais interdependentes em sua natureza comum? E interdependência não envolve uma dinâmica moral?

O exemplo de Cristo

Nesse assunto, o exemplo de Jesus é de importância típica. Por um lado, Ele jamais formulou uma plataforma sociopolítica sobre a qual a igreja deveria se levantar e realizar seu programa. As tentações no deserto foram, em alguma extensão, de natureza política, mas Ele as resistiu. Em pelo menos três oportunidades, Ele teve chance de Se tornar líder, por meio de uma espécie de golpe de estado: ao alimentar a multidão na Galiléia (Lc 9:13-17), na entrada triunfal em Jerusalém (Lc 19:30-44) e ao advertir Pedro sobre o uso da espada, no Gestêsmani, dizendo ter legiões divinas à Sua disposição (Mt 26:51-53). Contudo, rejeitou o populismo e o reinado zelota.

Por outro lado, os ensinamentos de Jesus têm um significativo formato social. Naquele que algumas pessoas têm considerado ser o discurso inaugural de Seu ministério (Lc 4:16-21), Cristo, citando Isaías 61, apresenta a tarefa do Messias como sendo social (ademais, o evangelho deve ter uma dimensão social): evangelização dos pobres, liberdade para os cativos e oprimidos, dar vistas aos cegos. E Seu ministério deixa bem claro que Ele não estava falando exclusivamente de pobreza, cegueira e opressão espirituais.

Então, não é surpreendente que os pioneiros adventistas tenham tido uma agenda social, embora um tanto limitada. Essa pequena escala de ação foi quase inevitável, por causa do tamanho da igreja e seus limitados recursos. Eles se opuseram à escravi-

dão, promoveram reforma educacional e de saúde, defenderam a temperança, envolvendo-se nas causas antialcoólicas e antitabágicas. Também mostraram interesse pelas necessidades de crianças e mulheres.

Hoje, a igreja é muito grande; e os recursos institucionais e financeiros, maiores ainda. Em alguns países, os adventistas se tornaram um significativo segmento populacional. Alguns irmãos têm se tornado líderes de Estado. Renunciar à responsabilidade social seria uma atitude irresponsável. A Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais, Adra, tem se tornado o maior instrumento de trabalho social adventista no mundo.

Pobreza e fome são problemas diários, com milhares de crianças morrendo cada dia, por causa de desnutrição. A cada 30 segundos alguém morre de malária na África. O aquecimento global e a poluição são grandes problemas, junto com a destruição das fontes de energia renovável. Os adventistas têm adotado e defendido há muito tempo um estilo de vida simples, que ajuda a reduzir alguns desses problemas. Mas, devemos encampar vigorosamente a luta contra a aids, e assumir o devido lugar na promoção dos direitos humanos e contra a discriminação de vários grupos, incluindo mulheres e deficientes.

Sendo a pacificação outra causa essencial, escolas adventistas têm sido convidadas a estabelecer anualmente uma semana para enfatizar, através de várias atividades, a necessidade de paz, respeito, resolução de conflitos. É nossa cooperação para a cultura de harmonia social.

Não podemos tratar efetivamente com a pobreza, fome e discriminação, apenas oferecendo recursos e ajuda aos que sofrem. Também é necessário trabalhar para mudar as causas. Felizmente, a Adra tem compreendido esse ponto. Tal posição, entretanto, inevitavelmente requer contatos com a esfera política.

A criação e o homem

Em primeiro lugar, a responsabilidade social tem como sua base a doutrina da Criação. Deus voluntariamente criou, do nada, um Universo distinto dEle mesmo e estabeleceu seres humanos como Seus mordomos. Também encontramos responsabilidade inerente na doutrina do homem. Os parâmetros do serviço social da igreja residem den-

tro da natureza dos humanos. Com seres humanos criados à imagem de Deus e maculados pelo pecado, a dignidade dos filhos de Deus só é possível através do processo de salvação. Tal apreciação vincula ética e responsabilidade social.

O conceito cristão de que os seres humanos não são destroços jogados ao mar do tempo, mas pessoas com potencial para um futuro radiante, confere energia e propósito à sua missão. Como seu Senhor, o discípulo de Cristo deve discernir em todo ser humano “infinitas possibilidades”.²

*“Os cristãos
devem penetrar
e permear
a sociedade
secular”*

Enquanto a responsabilidade social repousa nas doutrinas da Criação e do homem, o princípio soteriológico provê sua teologia. Quando a igreja e seus membros se relacionam com a sociedade, a salvação, como propósito final, deve ter o domínio. A responsabilidade social cristã não resulta simplesmente de impulsos humanitários, embora isso também esteja presente. Mas, isso emerge de um nível mais profundo, o desejo de que todos “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10:10).

Essa plenitude de vida envolve conversão, reconciliação e fé, ou, numa palavra, salvação. Mas também implica um viver mais saudável e mais feliz. As virtudes cristãs têm implicações sociais, e assim o cristianismo pode ser identificado como religião social. Crenças religiosas inevitavelmente modelam visões socioeconômicas e ações políticas. Valores religiosos devem ter, e sempre terão, formato religioso.

Evangelismo e responsabilidade social

Em vista da corrente tendência de envolvimento político da igreja, alguém pode perguntar: Qual é a relação entre evangelismo e responsabilidade

social? Uma visão tradicional iguala missão com evangelismo. Outra visão coloca o evangelismo no fogo, dando-lhe a pejorativa conotação de proselitismo, e se concentra apenas em seu aspecto social.

A visão bíblica de missão contempla-o como serviço em palavras e ações. Nesse conceito de serviço, existe uma síntese entre evangelismo e atividade social. John Stott apresentou três maneiras de relacionar evangelismo e testemunho social: (1) Ação social como “significado de evangelismo” (preparatória para a evangelização); (2) ação social como “manifestação”, aspecto ou parte “do evangelismo”; e (3) ação social como “parceira”, ou atividade paralela, “do evangelismo”.³

A terceira forma parece a mais correta e é apoiada por Stott. Ela apresenta o evangelismo e a ação social como necessários. Apesar do apoio mútuo, eles são aspectos separados da missão e, em algum momento, a prioridade imediata poderá diferir. Por exemplo, pense no homem ferido na estrada de Jericó, na parábola do bom samaritano. Qual era a prioridade imediata naquela situação: cuidado médico ou estudo bíblico sobre o estado dos mortos?

A parte da salvação ou serviço é prover os seres humanos com um senso de significado e propósito, despertando-os para o fato de que não estão destinados a viajar pela vida, seja ela curta ou longa, em direção à insignificância ou lugar nenhum. Precisamos imprimir em homens e mulheres uma razão de ser. Devemos avançar além do evangelismo individual, embora ele seja preponderante, e aplicar o poder transformador do evangelho à sociedade. A metáfora que Jesus utiliza em Mateus 5, sobre a mudança construída pela missão cristã, inclui sal e luz. Isso significa que os cristãos devem penetrar e permear a sociedade secular, isto é, não cristã. Se os cristãos permanecem no saleiro ou escondidos na segurança da fortaleza da igreja, eles são de pouca utilidade.

Acaso, não implica a metáfora do sal e luz que os cristãos podem mudar o ambiente deteriorado, decadente e escuro, melhorando a sociedade? Não estamos falando sobre o evangelho social, pois sua fragilidade e falácia é que ele reclama uma sociedade perfeita aqui e agora. Entretanto, nós podemos melhorar a sociedade e sua composição corrupta.

Os cristãos e a política

Com tais questões diante de nós, não podemos evitar o espinhoso tema dos cristãos e a política. O perigo da política é que ela tende, se não formos cuidadosos, a fazer o mundo nosso tudo. O ambiente da política raramente, talvez nunca, pode ser feito verdadeiramente cristão. Imaginar que padrões cristãos, que são mais elevados que os aceitos pela sociedade, podem ser aplicados com êxito ao governo e sociedade em geral, é algo fora da realidade.

É possível aplicar os princípios do Sermão da Montanha na área da política? O amor não pode ser legislado ou institucionalizado, nem pode o egoísmo – raiz da maioria dos males sociais – ser erradicado por projetos de lei, leis e votos, mas somente através da submissão a Cristo. No que tange à intemperança, Ellen White diz que “há uma causa para a paralisia moral” afligindo a sociedade quando leis sustentam males que jazem no próprio fundamento do sistema legal de um país. Assim, é irresponsabilidade dos cristãos simplesmente “deplorar os erros que eles sabem existir, mas considerar-se livres de qualquer responsabilidade no assunto. Isso não pode ser. Todo indivíduo exerce influência na sociedade”.⁴ A lógica nos permite extrapolar o pensamento de aplicá-lo através de paralelismo a outras correspondentes situações atuais.

Em se tratando de política, existem pelo menos três problemas e dois perigos. Entre os problemas estão: (1) Compromisso; (2) conveniência e (3) padrões cristãos vistos como irrealistas. Os dois perigos são: (1) Tentativa da Igreja em beatificar a sociedade e o Estado; e (2) tentativa da sociedade em politizar a Igreja, de tal modo que a fé cristã seja interpretada em termos de valores políticos. Assim, temos uma asa secular e socialista, e outra asa radical, facilitando a penetração de quaisquer valores na igreja e dificultando o melhor testemunho.

Aqui a separação entre Igreja e Estado entra na moldura. Seu propósito não é excluir a voz da moralidade – cristianismo, se você desejar – do debate público. Tal separação provê o contexto

de liberdade religiosa, de modo que os aspectos morais da religião possam ser livremente expressos e testados sem discriminação, empecilhos ou favoritismo.

Os cristãos devem participar no fórum público, oferecendo uma significativa visão ética. Sim, a Igreja deve atuar separada do Estado, mas não alienada ou indiferente à sociedade. Os líderes religiosos devem andar cuidadosamente e de modo circunspecto na área pública. A política não pode ser identificada como evangelho; nem o evangelho, como política. Muito frequentemente, a política é poluída; mesmo corrupta. Em seu melhor, é ambivalente. Os cristãos podem ser facilmente contaminados, e a igreja pode correr o risco de perder o respeito e a aura de virtude, quando se envolvem muito na política. A igreja pode ser vista, ou realmente se tornar, como uma facção a serviço de interesses seculares.


Ao mesmo tempo, os cristãos podem desempenhar um relevante papel, embora difícil, nos negócios públicos. Quando deveriam eles falar e agir na sociedade? Sugiro algumas situações, embora correndo o risco de errar para o lado conservador:

- Quando as questões exijam respostas morais claras.
- Quando direitos humanos básicos estão em jogo.
- Quando a liberdade religiosa é ameaçada.
- Quando está envolvida a salvação individual.
- Quando os cristãos refletem uma visão unida, opinião bem pensada.
- Quando há razoável expectativa de resultados positivos da intervenção, ou pelo menos de alguma melhora resultante.

Esperança e serviço

Tendo afirmado a total importância da dimensão salvífica, transcendente, necessitamos admitir que, como cristãos, às vezes temos nos comportado com se tivéssemos um olho cego às realidades de opressão, exploração de trabalhadores, mulheres e dos menos favorecidos, racismo, e outras práticas discriminatórias. Contudo, a esperança escatológica do adventismo deve aumentar nosso serviço à sociedade e nos tornar mais sensíveis às neces-

sidades gritantes dos nossos semelhantes. Como disse o Pastor Jan Paulsen, presidente mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, “ainda não somos criaturas habitando um ambiente espiritual. Devemos estar interessados em tudo o que modela o modo como vivemos, e devemos estar preocupados com o bem-estar do nosso planeta”.⁵

Em essência, a responsabilidade da igreja em relação ao mundo consiste em preparar homens e mulheres para o encontro com seu Deus, no breve retorno do Senhor. Isso não significa que os cristãos que aguardam o segundo advento de Cristo devem viver sonhando, alienados e inativos, com a utopia de um piquenique no Céu. Os seguidores de Jesus necessitam hoje, talvez mais do que nunca, concentrar seus esforços, sendo “solícitos na prática de boas obras ... excelentes e proveitosas aos homens” (Tt 3:8). Esses “homens” representam a sociedade. Tal estilo de vida, generoso na distribuição de bênçãos, inclui proclamar salvação e promover o bem-estar social. 

Referências:

¹ Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 254.

² _____, *Educação*, p. 80.

³ John Stott, *Christian Mission in the Modern World* (Londres: Falcon Books, 1975), p. 26-28.

⁴ Ellen G. White, “Temperance and the license law”, *Adventist Review and Sabbath Herald*, 8/11/1881.

⁵ Ray Dabrowski, ed., *Atatements, Guidelines, and Other Documents* (Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 18/4/2002), p. 78.



Pecadores nas mãos de Deus



Woodrow W. Whidden

Professor do Seminário Teológico Adventista de Silang, Filipinas

“Os ímpios recebem sua recompensa na Terra. ... Alguns serão destruídos em um momento, enquanto outros sofrem muitos dias. Todos serão punidos segundo suas ações”

Muitos cristãos sinceros têm expressado preocupação a respeito da bondade de Deus, diante da execução de Sua justiça retributiva no inferno. Na verdade, os adventistas do sétimo dia sempre estiveram na vanguarda da oposição à interpretação de que o inferno envolve uma eternidade de sofrimento físico, mental e emocional para o perdido. A principal posição alternativa a essa idéia de tortura infindável tem sido mencionada tecnicamente como aniquilacionismo. Em outras palavras, Deus finalmente colocará fim a Seu julgamento dos pecadores rebeldes, e eles serão aniquilados eternamente. Simplesmente, deixarão de existir.

Entretanto, o conceito aniquilacionista possui um aspecto-chave, em cuja direção algumas pessoas têm focalizado seu criticismo. Esse aspecto é o pensamento de que haverá diferentes graus de punição para os condenados, antes que eles finalmente entrem numa eternidade de inexistência. Uma expressão clássica desse pensamento brota de uma das mais respeitadas personalidades entre os adventistas defensores do aniquilacionismo:

“Os ímpios recebem sua recompensa na Terra. ... Alguns são destruídos em um momento, enquanto outros sofrem muitos dias. Todos são punidos segundo as suas ações. Tendo sido os pecados dos justos transferidos para Satanás, ele tem de sofrer não somente pela sua própria rebelião, mas por todos os pecados que fez o povo de Deus cometer. Seu castigo deve ser muito maior do que o daqueles a quem enganou. Depois que perecerem os que pelos seus enganos caíram, deve ele ainda viver e sofrer. Nas chamas purificadoras os ímpios são finalmente destruídos, raiz e ramos – Satanás a raiz, seus seguidores os ramos.”¹

O que perturba muitos crentes aniquilacionistas, no que tange à interpretação de Ellen White, é a sugestão de que a justiça retributiva de Deus parece vindicativa e não redentora. O que Deus busca provar, se não existe mais esperança para aqueles que foram julgados merecedores da recompensa do inferno? Se não existe esperança para a reforma corretiva do condenado, por que deveria Deus querer dar a aparência de puni-los brutalmente? Em outras palavras, que bem se poderia extrair do relativamente prolongado sofrimento do perdido?

Misericórdia ou punição?

É o propósito de Deus sujeitar o pecador a variados graus de punição no inferno? Ou a única alternativa aniquilacionista deveria ser Deus imediata e completamente destruir toda a vasta hoste de condenados com um golpe devastador de justiça? Para aqueles cuja sensibilidade considera repreensível a idéia de graus de punição, talvez haja uma versão menos crua de aniquilação.

Um sermão pregado por Jonathan Edwards tinha o seguinte título: “Pecadores nas mãos de um Deus irado”. Embora eu não queira parecer desrespeitoso com assunto tão sério, parece-me que os críticos da posição que aceita variados graus de punição desejam um castigo que poderia ser chamado “Pecadores nas mãos de um Deus humano”.

Tal cenário interpretativo prefigura Deus orquestrando uma versão do inferno escatológico semelhante a uma injeção letal. Relutantemente, Ele começará o triste processo, primeiramente, administrando algum tipo de anestesia coletiva que será seguida pela suave aplicação da injeção letal coletiva na letárgica multidão. Então, quando todos tiverem exalado seu último suspiro, seus corpos serão consignados a alguma região inferior para escaldante incineração. Finalmente, todo o processo será completado com a varredura de suas cinzas para longe, em completo esquecimento.

Como podemos administrar o aparente dilema que parece imputar atitudes muito inconvenientes de ira vindicativa a um Deus misericordioso e gracioso? Deveriam os aniquilacionistas tradicionais mudar sua idéia de variados graus de castigo para uma versão de destruição instantânea, coletiva, dos perdidos? Ou, possivelmente, a questão pode ser feita desta maneira: São a misericórdia e a justiça de Deus melhor atendidas na imputação de variados graus de juízo retributivo, ou esse conceito deveria ser substituído pela versão de um sopro aniquilacionista instantâneo?

Em primeiro lugar, reconheço sinceramente as preocupações daqueles que estão perturbados pelo pensamento de que Deus administrará variados graus e porções de punição. Posso sentir a reação desgostosa daqueles que têm lutado com a suposta injustiça da posição aniquilacionista. Eu mesmo fiquei algo como atordoado quando fui confrontado pela primeira vez com objeções a essa doutrina. Também posso sentir, especialmente, a força inicial destas questões: Que benefício isso representará para o ímpio, desde que não haverá mais chance para redenção naquela ocasião? Não serão eles destruídos por toda a eternidade? Por que não livrá-los rapidamente de seu tormento?

O primeiro ponto a ser considerado tem que ver com a questão da perspectiva global. Especialmente para os adventistas aniquilacionistas, a questão-chave não reside em se Deus aniquilará ou não os que persistentemente rejeitam Sua graciosa salvação (e Ele o fará), mas que método alternativo tem melhor apoio bíblico e parece mais coerente com o caráter e natureza do Seu amor. O último ponto gira em torno da

perspectiva bíblica conhecida como a grande controvérsia.

A questão básica nessa longa disputa cósmica tem que ver com Deus: Em Sua natureza amorosa, Ele deve ser hábil para demonstrar que também pode ser o governante moral do Universo. O amor triúno tem sido construído sobre o mais severo teste e escrutínio no desdobramento desse drama. Pode Deus demonstrar efetivamente, de modo bem alicerçado, que misericórdia e justiça podem administrar equilibrada e redentoramente os desafios que o pecado e Satanás têm lançado contra Seu amor? Com essas perspectivas em mente, passemos, agora, ao confronto direto com o problema.

Perspectivas sobre justiça

Em primeiro lugar, eu gostaria de oferecer algumas razões da lei natural bem como analogias racionais dos melhores paradigmas de justiça humana. Embora imperfeitamente administrada, a grande maioria de nossas experiências em justiça humana testifica que, de acordo com os mais básicos cânones do senso comum, o conceito de variados graus de punição é o modo mais honesto de proceder na execução de sentenças.

Por exemplo, seres humanos normais acham perfeitamente justa a imposição de castigos retributivos severos a psicopatas comprovadamente sem esperança de uma possível reforma. Além disso, a justiça humana parece justificada quando ela diferencia os variados impactos sociais de determinados crimes e conclui que alguns de-

les merecem punição mais severa que outros. Assim, parece honesto esperar que Deus faça o mesmo em escala cósmica – estabelecendo diferentes graus de punição (determinada pelo grau de hediondez dos pecados não confessados e abandonados pelo réu).

Por que Deus faz isso? Obviamente, para manter Sua justiça pública. Seria ir muito longe sugerir que a lembrança dessa justiça imparcial será um memorial perpétuo de nossa trágica experiência com o pecado? Acaso, as cicatrizes dos cravos nas mãos e nos pés de nosso Senhor nos falam apenas de Sua infinita misericórdia, ou não nos lembram também a dolorosa e custosa experiência com a rebelião?

Embora Jesus tivesse muitas coisas a dizer sobre o inferno que tem sido objeto de discussão entre os advogados do tormento eterno e do aniquilacionismo, uma questão Ele deixou muito clara em Seus ensinamentos: haverá variados graus de punição. Sua palavras registradas em Lucas 12:45-48 são inegavelmente diretas: haverá alguns maus servos que serão punidos “com



muitos açoites”, e outros, com “poucos açoites”.

Apesar da clareza dos ensinamentos de Jesus, muitos crentes sinceros sugerem que a destruição dos praticantes do mal não pode servir como instrumento intimidador. Isso, devido ao fato de que, quando o inferno se tornar real, não haverá posterior mudança de lado entre as reivindicações de Satanás e as de Cristo. E eu concordo plenamente que não há necessidade de qualquer efeito intimidador a emanar do julgamento exemplar de Deus. Porém, isso ainda não nega a necessidade de Ele demonstrar, aos seres santos e redimidos do Universo, a plenitude de Sua justiça. Seu ato é parte e parcela da necessária demonstração de moralidade e justiça de Seu governo. Afinal Ele governa com persuasão moral, não com mão de ferro.

Aqui, o tema do grande conflito desempenha importante papel. O inimigo tem feito a Deus a acusação de ser injusto na administração de Seu amor. A resposta de Deus demonstra, em várias facetas da obra de Cristo como justo e justificador, que Ele tem sido absolutamente justo na execução, do início ao fim, do plano da salvação. Esse plano inclui um juízo pré-advento. Aqui, Ele apresenta claramente, a seres não caídos, evidências em apoio às Suas razões para redimir toda pessoa que O aceitar, em Sua segunda vinda. Ademais, isso explica a razão pela qual haverá um julgamento durante o milênio, ou seja, para que Ele possa dar aos redimidos evidências convincentes para a destruição dos ímpios no lago de fogo, no juízo executivo, no fim do milênio. Finalmente, Ele demonstrará aos Seus súditos leais (anjos não caídos, seres de mundos não caídos e remidos de todos os tempos) Sua justiça, ao punir alguns “com muitos açoites”, e outros com “poucos açoites”.

Justo juiz

Antes de passarmos às considerações finais, três itens intimamente relacionados com o assunto que estamos analisando chamam nossa atenção.

1. O primeiro deles é que muitas pessoas estão confusas com o pensamento de que devemos decidir, com Jesus, “a parte que os ímpios devem sofrer”.² Tudo o que Ellen White tenta comunicar nessa declaração é uma explicação das palavras de Paulo, a

respeito de que “os santos não de julgar o mundo” e “que havemos de julgar os próprios anjos” (1Co 6:2, 3). Aqui, Paulo não entra em detalhes quanto ao que ele pensa, e eu me recuso a colocar palavras em sua boca. Mas, poderia parecer que, à luz de tudo o que Deus tem revelado, o apóstolo diz que Deus nos conduzirá junto a Ele, nas decisões a serem tomadas sobre o julgamento final dos perdidos. Muito certamente, o remido não terá qualquer palavra final, determinante, em tudo isso. Porém, como sempre, Deus parece ansioso para nos levar junto consigo através dos meios de persuasão moral, enquanto confere Seus juízos sobre os ímpios.

2. Existem outros que estão perturbados com o uso que a Bíblia faz da palavra *vingança* (Is 34:8).³ Muitos perguntam se essa palavra significa “julgamento justo”. Provavelmente, sim. A palavra *vingança* deve ser entendida muito semelhantemente como a palavra *ira*. Ela significa a execução da inexorável oposição de Deus àquilo que é contrário à Sua natureza de amor. Durante milênios, a misericórdia divina tem-se manifestado equilibradamente com Sua justiça. Porém, virá o dia em que, finalmente, já não mais haverá esse equilíbrio entre justiça e misericórdia. E, mesmo assim, ainda será uma justiça misericordiosa, pois Deus estenderá a todo o Universo, incluindo o condenado, um favor misericordioso final, fazendo morrer aqueles que se recusaram a aceitar Sua graça e que, permanecendo vivos, ameaçariam a harmonia do Universo que continuará sendo governado pelos princípios da livre escolha. Assim, Deus executará essa misericordiosa justiça de modo inquestionável.

Esse último pensamento merece mais algumas linhas de comentários. Como tem sido mencionado em outras publicações,⁴ se Deus é a fonte de toda vida, também é a última instância para determinar quem continuará a ser privilegiado com o benefício de Seu poder doador de vida. Muitos bem-intencionados cristãos tentam liberar Deus do ônus de Seu papel como executor de justiça retributiva.⁵ Porém, quer Ele execute tal justiça passivamente ou ativamente, ainda é o Senhor soberano da vida e da morte. Pouco importa, em última análise, se alguém desliga os aparelhos que mantêm a vida de um paciente terminal, ou simplesmente

lhe aplica uma injeção letal. Os resultados da justiça são os mesmos, desde que Aquele que é a única fonte de vida e justiça é a mesma pessoa. Se rejeitarmos a oferta de eterna manutenção da vida, a única alternativa será eterna separação do mantenedor da vida, e o resultado será morte eterna.



3. O que realmente acarreta o sofrimento do perdido? É ele primariamente físico, mental, emocional ou social? As respostas a essas questões não são totalmente claras. Contudo, podemos estar razoavelmente seguros, pelo menos no caso de nosso Senhor, de que foi tanto mental e emocional quanto físico. Não há dúvida de que Seu longo sofrimento na cruz envolveu a mais intensa experiência de dor física. Porém, acaso foi esse o principal fardo que Ele teve de carregar? Se a experiência normal de crucificação nos diz alguma coisa, o sofrimento físico de Jesus foi relativamente breve. E isso nos leva a entender que a causa principal de Sua morte física foi a in-

tensa angústia mental que resultou dos juízos de Deus que caíram sobre seu Filho sem pecado e inculpável.

Falando grosseiramente, Jesus morreu vítima de um coração despedaçado, por causa dos nossos pecados que Ele carregou por nós. A ira dos justos juízos de Deus sobre o pecado dilacerou o coração de Seu Filho. Certamente, Sua angústia

res, em grau e intensidade, que os sofrimentos de nosso Senhor. E isso nos leva ao argumento final para a variedade de graus de longo sofrimento experimentado por aqueles que rejeitarem ou negligenciarem o sofrimento do Cordeiro de Deus, em Seu sacrifício vicário.

Não apenas devemos ponderar as lições do silencioso raciocínio, a ampla perspectiva da Bíblia e os ensinamentos de nosso Senhor, mas devemos estar despertados para não ignorar as implicações da experiência do sacrifício expiatório de Cristo. A cruz nos fala com poder sobrenatural e pungente à questão que estamos considerando.

Um dos argumentos sustentados pelos cétricos do conceito de vários graus de punição é tirado da metáfora “repentina destruição”, implicando palha sendo rapidamente consumida. Certamente, haverá rápida destruição. Porém, significa isso que cada caso deve receber a mesma execução instantânea? Não podemos, agora, compreender claramente a justiça de Deus em cada caso. Na verdade, os cristãos devem sempre evitar julgar como Deus determinará cada caso específico e individual. Em vista de nossa limitada compreensão, por que não confiar e esperar que Ele opere cada detalhe em Seu amor e sabedoria? Apesar das minhas limitações, estou seguro de uma coisa sobre a execução da justiça divina: o que é relativamente breve para Cristo aparentemente será muito longo para o pecador condenado.

O último ponto inerente aos parágrafos anteriores, relacionados com a experiência de Cristo no Calvário, tem provocado uma interessante linha de pensamento sobre o assunto que estamos considerando. Possivelmente, o melhor caminho para encerrar nossa reflexão é ponderarmos cuidadosamente em mais alguns itens.

Por que Deus Pai escolheu a cruz para ser o instrumento de morte? Por que Ele não escolheu que Cristo morresse instantaneamente decapitado ou sucumbisse ao fio de uma espada? Foi Deus injusto ao permitir que Seu Filho fosse executado em uma cruz, quando podia ter feito isso através de decapitação, enforcamento, espada, flecha, ou qualquer outro meio?

A experiência do Cristo divino/humano, através das horas de trevas no Getsêmani e da escuridão que O cercou sobre a cruz, fala com inigua-

lável e irresistível poder a nossos embotados sentidos que o pecado é muito mais horrível para Deus, que qualquer um de nós pode imaginar. Como já foi mencionado anteriormente, a morte de Cristo foi causada não só por angústia física, mas também por angústia mental.

Essencialmente, será essa a mesma experiência do ímpio no lago de fogo, embora de natureza mais limitada que a do ferido Cordeiro de Deus. Provavelmente, a razão de sua prolongada morte se deverá a que seu coração não estará dilacerado pelo pecado como estava o de Cristo. Eles sofrem apenas a perda de sua vida, não o horror do pecado. Cristo sofreu no caminho inverso: Ele foi ferido por nosso pecado, mas nos amou até à morte, entregando Sua própria vida. Que fantástica inversão! O sofrimento redentor sempre parece relativamente breve, embora os juízos da justa retribuição pareçam infundáveis para o condenado.

Haverá variados graus de sofrimento retributivo para o perdido? Deixarei que cada leitor pondere as evidências que foram enumeradas neste artigo. Quanto a mim, descanso com esta palavra final: Ao ponderar sobre esta questão, nunca esqueça das profundas lições do Getsêmani e do Calvário. Para todos os casos, as lições parecem ser estas: Quanto maior o afastamento do pecado, mais rápido será o inferno final. Quanto mais clara a visão que alguém tiver do pecado, mais longa será a auto-infligida experiência da relutante e misericordiosa, mas inevitável, justiça de Deus. Graças a Ele pelo surpreendentemente rápido sofrimento que proveu salvação para toda a humanidade! O inferno existe como único destino inevitável para aqueles que recusam o alívio providenciado pela morte de Cristo. ❧

Referências:

- ¹ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 673.
- ² *Ibid.*, p. 661.
- ³ Compare o uso que Isaías faz desta linguagem com a aplicação de Ellen G. White à mesma terminologia em *História da Redenção*, p. 429.
- ⁴ Woodrow W. Whidden, *Ellen G. White on Salvation*, (Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 1995), p. 49-53; Woodrow W. Whidden, Jerry Moon, John Reeve, *The Trinity*, (Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002), p. 260-271.
- ⁵ Para uma leitura das afirmações de Ellen White sobre as execuções passiva e ativa da justiça de Deus, ver *Eventos Finais*, p. 240-244.



foi primariamente mental e emocional.

E o mais poderoso aspecto desse sofrimento foi a dor resultante da ruptura do relacionamento de amor com o Pai, o que também sugere profundo sofrimento social.

Figura do inferno

Que nos dizem essas coisas sobre o tipo de sofrimento que o ímpio experimentará? A resposta parece simples: Qualquer que tenha sido o sofrimento de Cristo no Calvário, esse será o mesmo tipo de sofrimento que o perdido experimentará no inferno escatológico. A única diferença entre o Calvário e o inferno final é que os sofrimentos dos ímpios serão consideravelmente meno-

Jesus também chorou



Nilza T. e Araújo

Enfermeira e esposa de pastor, trabalha em Salvador, BA

“E lhes enxugará dos olhos toda a lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram”

Meses atrás, uma família de nossa igreja perdeu um de seus membros em um trágico acidente. No sábado seguinte, fui abordada por uma pessoa daquela família que, ainda em meio às lágrimas, disse-me: “Estou com a consciência pesada. Havia muita gente no cemitério, e alguém de nossa igreja se aproximou de mim e falou que eu não poderia chorar, a fim de dar bom testemunho. Porém, não consegui parar de chorar.”

Minha resposta a essa irmã foi que chorar a dor da saudade, causada por uma separação, é algo normal. Afinal, somos humanos. Em certa ocasião, Ellen White escreveu a uma viúva: “Quanta tristeza existe em nosso mundo! Quanta aflição! Quanto pranto! Não é direito dizer aos que estão de luto: ‘Não chore! Não é direito chorar’. Essas palavras pouca consolação encerram. Não há pecado em chorar.” A diferença é que não choramos como os que não têm esperança. Jesus chorou junto à sepultura de Lázaro; comoveu-Se e chorou diante da penitência de Jerusalém.

Cuidado aqui

Infelizmente, em nosso meio, muitas pessoas (entre as quais, alguns pastores) têm conceitos equivocados sobre doença e morte, bem como sobre as reações humanas a tais experiências. Não raras vezes, no intuito de ajudar com palavras supostamente confortadoras, apenas conseguem aumentar o sofrimento daqueles que já estão passando por situações de dor a aflição.

Que palavras dizemos a pessoas que perderam um membro da família? Caso a perda seja de um filho, se nunca passou por essa experiência, jamais diga: “Sei o que você está experimentando, porque perdi meu pai, minha mãe, avó ou tia.” A verdade é que, se alguém nunca experimentou a perda de um filho, não conhece a dor desses pais, embora tenha perdido outros familiares. É algo simplesmente inexplicável. Os pais necessitam de muito tempo a fim

de processarem a dor. E embora saibam que é difícil encontrar respostas, sempre se deparam diante da inevitável pergunta: “Por quê?”

É bom esclarecer que a dificuldade em ter algo a dizer nessa hora é perfeitamente normal, considerando as limitações de nossa humanidade. Portanto, apenas fique em silêncio. Abrace o enlutado, chore com ele, coloque-se à disposição para ajudar no que for necessário: fazendo ligações para amigos e familiares, ajudando na organização da cerimônia fúnebre, providenciando alimentação (em alguns casos, a pessoa não consegue ingerir alimento sólido; então, providencie chás, água ou suco de frutas). Tenha lenços descartáveis para oferecer. Depois que tudo passar, continue à disposição para ajudar nos primeiros passos do “dia seguinte”. Visite a família, conforte-a, anime-a, façam juntos o culto de pôr-do-sol.

Não emita conceitos sobre a condição espiritual da pessoa falecida. Somente Deus vê o coração, e Ele é misericordioso, justo e amoroso. Quais foram os últimos pensamentos nos últimos segundos de vida? Só Ele sabe.

Esperança consoladora

Meu esposo e eu temos visitado algumas famílias que passaram pelo vale da sombra da morte, tendo perdas irreparáveis. Em tais ocasiões, temos testemunhado como necessitamos ter sabedoria celestial para dizer as palavras certas a fim de aliviar a dor dos enlutados, sem deixar o mais leve resquício de insensibilidade.

Enquanto estivermos no mundo, estaremos sujeitos a dores, aflições e lágrimas. Sim, estando no mundo, até Jesus chorou. A promessa de ausência de lágrimas será realidade plena, quando Cristo voltar, chamar nossos queridos para a vida que não tem fim, na nova Terra. Até então, devemos nos abrigar no consolo dessa bendita esperança, e partilhá-lo sabiamente com outras pessoas. ❖

Batismo em nome da Trindade



Christian A. Zaldúa

Pastor na Missão Equatoriana do Sul

“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”

Em nome de quem os cristãos devem ser batizados: em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ou apenas em nome de Jesus? Embora pareça fácil responder a essa pergunta, nos últimos tempos têm aparecido pessoas que, assumindo posição antitrinitariana, questionam a validade textual de Mateus 28:19. Impugnam, assim, a fórmula batismal ali contida e sustentam que o batismo apostólico não era realizado em nome das três pessoas da Divindade, mas somente em nome de Jesus Cristo.

Como podemos harmonizar Mateus 28:19 com Atos 2:38? Isso é o que será analisado neste artigo, à luz da Bíblia, do testemunho da História e dos escritos de Ellen G. White.

Os questionamentos a respeito de Mateus 28:19 estão alicerçados em argumentos do modalismo, doutrina que nega a distinção de personalidades na Divindade e ensina que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são diferentes títulos de um mesmo e único Ser que Se apresentou como Pai, antes da encarnação, como Filho, durante ela, e como Espírito Santo, depois da ressurreição. Essa doutrina surgiu no 2º século d.C., e teve em Sabélio seu maior expositor, no 3º século d.C. Por essa razão também é conhecida como sabelianismo.¹

Para os modalistas, o texto de Mateus 28:19 é um acréscimo posterior ao Concílio de Nicéia (325 d.C.), feito com o propósito de favorecer a doutrina da Trindade. Sua principal “linha de evidência” está centralizada em alguns escritos de Eusébio, bispo de Cesaréia que viveu entre os anos 260 d.C. e 340 d.C. Pelo fato de que Eusébio citou Mateus 28:19 mais de dezoito vezes sem fazer referência à fórmula batismal trinitariana,² os modalistas supõem que ele deve ter tido acesso a manuscritos do evangelho de Mateus que não continham a referida declaração. Desse modo, pretendem demonstrar que o versículo é espúrio.

A declaração de Eusébio

Para os que argumentam contra a validade textual de Mateus 28:19, deveria ser revelador o fato de que existem aproximadamente cinco mil manuscritos gregos do Novo Testamento, fora versões antigas de traduções dele para outros idiomas. Das cópias manuscritas que temos do evangelho de Mateus, nenhuma contradiz a leitura trinitariana do texto.

É temerário pretender desautorizar essas fontes, com base em apenas um escritor, especialmente se nos lembrarmos “que o uso de citações por parte dos pais da igreja tem suas limitações. A maioria delas é curta, nunca apresenta passagens importantes do Novo Testamento, não permitindo saber se determinado escritor fez a citação de memória ou se a copiou. Por isso, é enganoso declarar que cada variante encontrada nos pais é um testemunho importante em favor de certo tipo textual. Também devemos lembrar que os manuscritos nos quais são encontradas as obras dos pais têm sua própria história de transmissão, e talvez nem sempre representem com fidelidade o que foi escrito originalmente”³

Como exemplo, analisemos brevemente uma das citações de Eusébio, muito usada para negar a legitimidade da fórmula batismal de Mateus: “Além disso, os judeus, depois da ascensão de nosso Salvador, culminaram seu crime contra Ele com a concepção de inumeráveis maquinações contra Seus apóstolos. O primeiro foi Estevão, a quem aniquilaram com pedras; depois, Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João, que foi decapitado; ... Todos os demais apóstolos foram ameaçados de morte com inumeráveis maquinações, foram expulsos da Judéia e se dirigiram a todas as nações para ensinar a mensagem com o poder de Cristo, que lhes ordenara: ‘Ide, fazei discípulos de todas as nações’.”⁴

Ao lermos a citação de Eusébio, podemos observar facilmente que se trata de um parágrafo enunciativo, com orações breves e pontuais. Portanto, não surpreende que ele tenha feito o mesmo ao resumir a grande comissão dada por Cristo.

Outro exemplo dos argumentos referentes às citações de Eusébio, encontra-se na expressão “meu nome”. Em uma de suas obras, lemos o seguinte: “Ele disse a Seus discípulos em uma palavra: ‘Ide e fazei discípulos de todas as nações em Meu nome, ensinando-lhes todas as coisas que tenho mandado’.”⁵

Pode essa declaração ser tida como evidência de que a fórmula batismal

trinitariana de Mateus não existia nos manuscritos no tempo de Eusébio? Não. A evidência mais contundente contra esse pensamento é o fato de que o próprio Eusébio no quarto livro de sua *Teofania*, citando Mateus, escreveu: “Vão e façam discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.”⁶ Porém, essa não foi a única vez em que

Eusébio mencionou as três pessoas da Divindade. Em outros três escritos, ele voltou a citar a fórmula batismal: em *Contra Marcelo de Ancyra*, em *Da Teologia da Igreja 3*, e em *Carta a Cesaréia*.

Soma-se a esses uma carta escrita a suas igrejas de Cesaréia, na qual ele diz: “Cremos... em cada um destes que são e que existem: O Pai, verdadeiramente Pai, o Filho, verdadeiramente Filho, e o Espírito Santo, verdadeiramente Espírito Santo, como também nosso Senhor, ao enviar Seus discípulos a pregar, disse: ‘Ide, ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.’”⁷

Os que negam a autenticidade de Mateus 28:19 argumentam contra essas declarações de Eusébio, fazendo a conjectura de que, depois do Concílio de Nicéia, ele teria sido persuadido a escrever a favor da tese trinitariana. Entretanto, Eusébio jamais denunciou o referido texto como uma modificação ou interpolação, nem antes nem depois do Concílio de Nicéia. Ao contrário, o que Eusébio cita repetidamente após

esse Concílio autentica o texto, já que ele nunca favoreceu a decisão tomada em Nicéia.

Na igreja primitiva

Mesmo que Eusébio nunca houvesse mencionado as palavras de Mateus 28:19, existem documentos primitivos, anteriores ao Concílio de Nicéia, contendo evidências de que a fórmula batismal “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” era conhecida desde o primeiro século, não sendo inventada no quarto século. As seguintes declarações servem para confirmar o que já foi mencionado nos milhares de manuscritos gregos:

A *Didaquê* (125 d.C.): “Com referência ao batismo, batiza deste modo: havendo recitado estes preceitos, batiza em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, em água viva.”⁸

Taciano (170 d.C.): “Então Jesus lhes disse: ... Ide agora a todo o mundo, e pregai Meu evangelho a toda criatura; ensinaí a todas as pessoas e batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”⁹

Tertuliano (210 d.C.): “Depois de Sua ressurreição, Ele prometeu em um juramento a Seus discípulos que lhes enviaria a promessa do Pai; e, finalmente, os enviou a batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, não em um Deus impessoal.”¹⁰

Orígenes (245 d.C.): “Por que, quando o Senhor disse aos discípulos que eles deveriam batizar a todos os povos em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, esse apóstolo emprega apenas o nome de Cristo no batismo, dizendo: ‘Nós, que fomos batizados em Cristo’? Porque, certamente, o batismo tido como legítimo é feito em nome da Trindade.”¹¹

Cipriano de Cartago (250 d.C.): “Ele [Jesus] os enviou a batizar os gentios em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”¹²

Atanásio (360 d.C.): “E toda fé é resumida e assegurada nisto: que uma Trindade deveria ser preservada, como nós lemos no evangelho: ‘Ide, fazei discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’ (Mt. 28:19).”¹³

Único nome

Outro argumento contra a autenticidade de Mateus 28:19 chama a atenção para o fato de que Jesus Cristo não

disse que o batismo deveria ser “nos nomes”, como se tratando de três pessoas distintas, mas “em nome”, mostrando referir-se a uma pessoa com facetas distintas: uma de Pai, outra de Filho e outra como Espírito Santo. Segundo os defensores dessa idéia, isso explicaria porque os apóstolos batizaram apenas em nome de Jesus e não em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Porém, essa interpretação passa por alto o modo como a sentença está estruturada no idioma grego. Já está sobejamente demonstrado que uma das principais funções do artigo grego, como afirmam os especialistas Dana e Mantey, “é assinalar identidade individual”,¹⁴ o que significa que o artigo distingue um substantivo de outro. Lendo a referida oração na língua grega, temos o seguinte: “*to onoma tou patros [Pai] kai tou uiou [Filho] kai tou hagiou pneumatou [Espírito Santo].*”

É fácil observar que diante de cada substantivo (Pai, Filho, Espírito Santo), existe a conjunção *kai* [e], acompanhada do artigo grego *tou* [do]. De acordo com a regra, isso demonstra que Pai, Filho e Espírito Santo não são facetas de um mesmo ser, mas três pessoas distintas. Ao agrupar os substantivos individuais Pai, Filho e Espírito Santo sob *onoma* [nome], no singular, essa regra também ajuda a enfatizar uma sutil associação de unidade e igualdade entre os três, o que nos leva ao que tecnicamente denominamos “Trindade”.

Em nome de Jesus

Tendo esclarecido esse ponto, direcionemos nossa discussão para o tema do batismo. A pergunta subjacente é: Por que o livro de Atos registra o batismo somente “em nome de Jesus” (At 2:38; 8:16; 10:48; 19:5), e nunca “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”? Para a mentalidade modalista, a igreja primitiva nunca batizou em nome das três pessoas divinas, mas somente “em nome de Jesus”. Porém, não deveríamos avançar em nossa análise, sem considerarmos os seguintes textos:

Mateus 10:22 – os discípulos são odiados por causa do nome de Jesus.

Mateus 18:5; Marcos 9:37 – crianças são recebidas em nome de Jesus.

Mateus 18:20; 1Coríntios 5:4 – dois ou três reunidos em nome de Jesus.

Marcos 9:38; Atos 16:18 – demônios são expulsos e milagres são realizados em nome de Jesus.

Lucas 24:47; Atos 10:43 – arrependimento e perdão anunciados em nome de Jesus.

João 1:12 – filiação divina mediante a crença no nome de Jesus.

João 14:13; 15:16; 16:23 – oração em nome de Jesus.

João 14:26 – Espírito Santo enviado em nome de Jesus.

Atos 2:38 – batismo realizado em nome de Jesus.

Atos 4:10 – curas efetuadas em nome de Jesus.

1Coríntios 6:11 – crentes são justificados em nome de Jesus.

2Coríntios 5:20 – súplica em nome de Jesus.

Eféssios 5:20 – ação de graças em nome de Jesus.

Filipenses 2:10 – joelhos se dobram em nome de Jesus.

Tiago 5:14 – unção com óleo em nome de Jesus.

Como se pode observar, a expressão “em nome de Jesus” não está relacionada exclusivamente com o batismo, mas com situações múltiplas. Daí, ser descartável a idéia de tratá-la como fórmula batismal. Isso se harmoniza perfeitamente com o que encontramos em Colossenses 3:17: “E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai.” Se a fraseologia “em nome de Jesus” fosse uma fórmula batismal, então a declaração careceria de sentido. Por outro lado, requereria que, em tudo o que fizessemos ou disséssemos, deveriam ser pronunciadas as palavras “em nome de Jesus”, algo que evidentemente o texto não exige. Porém, a fraseologia ganha significado quando é entendida em seu sentido mais evidente, como expressão de representação ou autoridade – alguém enviado em lugar de outro, ou com a autoridade deste.

De acordo com o contexto, o termo grego *onoma* significa “nome, título, pessoa, autoridade, poder, status, categoria... reputação”,¹⁵ e indica “hierarquia ou autoridade atribuída a um representante *em nome de*; espécie de autorização para representar Deus ou Cristo em oração, falando ou operando milagres”.¹⁶ Podemos ver claramente esse sentido de autoridade em Atos 4:7 e 10, quando os sacerdotes perguntaram a Pedro e João: “Com que poder, ou em nome de quem fizestes isto?” Nesse caso, a pergunta é sobre a fonte de autoridade.

de dos apóstolos, e Pedro responde: “em nome de Jesus Cristo, o Nazareno”.

Semelhantermente, quando os demônios são subjugados “em nome de Jesus”, o fazem pela autoridade que Ele concedeu aos discípulos (Lc 10:17). Paulo mostra que os crentes são embaixadores porque receberam autoridade para falar “em nome de Cristo”. Nesse sentido, falamos “em nome de Cristo”, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus” (2Co 5:20). Os crentes de Corinto foram lembrados de que, quando foram batizados, não aceitaram a autoridade de Paulo, Pedro ou Apolo, mas a autoridade de Cristo. Portanto, não havia lugar para sectarismos (1Co 1:12-15).

Enquanto a fraseologia “em nome de Jesus” está ligada a diferentes eventos no Novo Testamento, a expressão “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” tem uso exclusivo relacionado ao batismo, o que indica seu caráter reservado de fórmula batismal. Portanto, as duas expressões não são excludentes. Batizar “em nome de Jesus” significava uma expressão de fé, segundo a qual os crentes eram batizados aceitando a autoridade de Cristo em sua vida; assim, somente depois de reconhecê-Lo como Salvador e Senhor, eram batizados “em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”. Esse modo de expressão pode ser observado na *Didaquê*. Depois de ensinar que os catecúmenos devem ser batizados “em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo”, são mencionados em alguns capítulos depois como tendo sido “batizados em nome do Senhor”.¹⁷

A razão pela qual o livro de Atos não menciona a fórmula trinitariana do batismo deve-se ao fato de que, em todo o livro, a ênfase do escritor não é a fórmula em si, mas a pessoa de Jesus e Sua posição sobre os crentes que, de então em diante, reconheciam Sua autoridade. Que a fórmula batismal trinitariana era usada no batismo, está implícito nas palavras de Paulo, ao encontrar em Éfeso alguns cristãos que nunca ouviram falar do Espírito Santo (At 19:1-5), aos quais perguntou: “Em quem fostes batizados?” Esse texto parece declarar que Paulo tinha como certo que os efésios deviam ter ouvido o nome do Espírito Santo, quando a fórmula do batismo foi pronunciada sobre eles.

Escritos de Ellen White


Ellen G. White não encontrou dificuldades em citar Mateus 28:19, reconhecendo sua autenticidade e sua fórmula batismal trinitariana. Para quem aceita seu ministério profético como sendo inspirado e dirigido por Deus, esse fato é fundamental. Se Mateus 28:19 fosse espúrio, ela não o teria citado, assim como jamais citou o texto de 1João 5:7, que alguns até poderiam erroneamente usar para demonstrar a Trindade, mas que sabemos não ser um texto genuíno. É importante destacar que a maneira como Ellen White cita Mateus 28:19 não se limita a simples transcrição do texto bíblico, mas inclui comentários que destacam o profundo e sagrado compromisso adquirido pelos crentes batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.


Vejamos alguns exemplos:

“Sua comissão [de Cristo] é: ‘Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.’ Antes que os discípulos alcancem o limiar, deve haver a impressão do nome sagrado, batizando os crentes no nome do poder tríplice do mundo celestial.”¹⁸

“Há três pessoas vivas pertencentes à Trindade celeste; em nome destes três grandes poderes – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – os que recebem a Cristo por fé viva são batizados, e esses poderes cooperarão com os súditos obedientes do Céu em seus esforços para viver a nova vida em Cristo.”¹⁹

“Revestido de ilimitada autoridade, dera aos discípulos a comissão: ‘Portanto ide, ensinais todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.’”²⁰



Assim, Mateus 28:19 é uma das passagens melhor atestadas pelos manuscritos gregos, as versões antigas do Novo Testamento, os escritos dos primeiros cristãos e pelo testemunho de Ellen White. Esse texto é a carta missionária da igreja de Cristo até o fim do tempo. 

Referências:

- 1 E. B. Sanford, ed., *A Concise Encyclopedia of Religious Knowledge* (Hartford, CT: S. S. Scranton, 1910) p. 827.
- 2 <http://hechos238.net/html/evg-etr.html>
- 3 *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, v. 5, p. 124.
- 4 Eusébio, *História Eclesiástica III*, v. 5, p. 2.
- 5 _____, *Teofania*, livro 5, p. 17.
- 6 *Ibid.*, livro 4, p. 8.
- 7 Eusébio, *Carta ao Povo de Sua Diocese*, 3.
- 8 *Didaquê I*.
- 9 Taciano, *Diatessaron (Através dos quatro)*, 55.
- 10 Tertuliano, *Contra Praxeas*, 26.
- 11 Orígenes, *Comentário Sobre Romanos 5:8*.
- 12 Cipriano de Cartago, *Carta 73*, p. 18.
- 13 Atanásio, *Sobre os Concílios de Arminun e Selêucia*, v. 2, p. 28.
- 14 H. E. Dana e Julius R. Mantey, *Gramática Grega do Novo Testamento* (El Paso, Texas: Casa Bautista de Publicaciones, 1994), p. 133.
- 15 *Barcay Newman Greek Dictionary* (BibleWorks, 4.0).
- 16 *Friberg ANT Lexicon* (BibleWorks, 4.0).
- 17 *Didaquê 7:1, 3; 9:5*.
- 18 Ellen G. White, *Olhando Para o Alto* (Meditações Diárias, 1983), p. 142.
- 19 _____, *Evangelismo*, p. 615.
- 20 _____, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 819.

Planejando o culto



Jobson D. Santos

Tradutor da TV Novo Tempo, Brasil

Uma comissão de liturgia pode ajudar a melhorar a qualidade da adoração

Ao se dirigir à casa de Deus, o adorador está em busca de algo que satisfaça os anseios de sua alma. Participa do programa, canta, dá sua oferta e ouve o sermão. Geralmente também se deleita com belas apresentações musicais. Mas nem sempre recebe o benefício que foi buscar. O que deveríamos esperar de um culto de adoração? Este artigo salienta a importância do culto, indica alguns benefícios pessoais e coletivos que ele proporciona e apresenta uma sugestão que pode torná-lo mais efetivo.

Tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, o culto a Deus é apresentado como prioritário. A disposição geográfica dos diversos membros da comunidade israelita no deserto ilustra a importância do culto. Os sacerdotes, responsáveis por liderar o povo na experiência de adoração, habitavam mais próximos do santuário. Depois estavam situados os levitas, responsáveis pelos serviços necessários ao culto. Então, localizava-se o povo em geral. A mensagem é clara: a atividade central de uma comunidade de fé deve ser o culto.

A lista dos heróis da fé, em Hebreus 11, começa mencionando Abel, que priorizou a correta adoração e foi elogiado pelo Senhor. A seguir, Enoque é mencionado como alguém que andou com Deus. Novamente vemos salientada a importância de cultuar a Deus, numa experiência de afeição e companheirismo. Apocalipse 14 revela que a igreja do tempo do fim tem uma missão: adorar a Deus, o Criador, e glorificar o Cordeiro divino que tira o pecado do mundo. “A obra da igreja é a adoração. Esta é a sua atividade principal”, diz Holmes.¹

Resposta de amor

O ser humano foi criado para adorar. Como disse Agostinho, o homem tem sede de Deus. Tal anseio é apenas o reflexo do intenso desejo que Deus tem de relacionar-Se conosco. “Nosso Redentor tem sede de reconhecimento. Tem fome da simpatia e do amor daqueles que comprou com Seu próprio sangue. Anela com inexprimível desejo que venham a Ele e tenham vida.”²

O culto é uma resposta ao amor divino. “Porque quem sou eu, e quem é o meu povo para que pudéssemos dar voluntariamente estas coisas? Porque tudo vem de Ti, e das Tuas mãos to damos” (1Cr 29:14). Devemos cultuá-Lo pelo que Ele é e faz (Jó 37:14), por Seu trato para com Seu povo (Sl 77:11-15), e também pela atuação maravilhosa do Espírito Santo (At 2).

A prioridade no culto cristão é agradar ao Criador. Tudo o mais que obtivermos será resultado desse ato. No dizer de Harrison, o que importa no culto é que ele nos faça mais parecidos com Jesus, de modo que as pessoas percebam que estivemos com Ele.³

Para Deus, o melhor

O verdadeiro culto não está centralizado na gratificação dos sentidos, mas em oferecermos a Deus o que Ele merece e espera de nós. Cada vez que nos aproximamos de Deus para cultuá-Lo, devemos oferecer-Lhe basicamente três coisas:

- Louvores – hinos e cânticos (Hb 13:15)
- Dádivas materiais – dízimos e ofertas
- Entrega pessoal – fidelidade e compromisso para servir (Rm 12:1)

Cada congregação deve oferecer a Deus o melhor culto possível. “Nossas reuniões devem oferecer o maior interesse possível. Deve imperar ali a própria atmosfera do Céu.”⁴

Algumas coisas atrapalham a qualidade da adoração que oferecemos a Deus: promoções, alguns anúncios, convidados de última hora, falta de orientação dos oficiantes, partes desconexas, músicas impróprias, entre outros detalhes. Quanto a isso, precisamos exercer o maior cuidado.

Benefícios


A igreja que adora corretamente oferece a seus membros benefícios pessoais e coletivos. Entre os pessoais, podemos mencionar os seguintes:

- Libertação dos pecados
- Clareza mental
- Visão espiritual
- Cura emocional
- Restauração da personalidade
- Identificação com o próximo
- Capacitação missionária
- Os benefícios coletivos são:
- Coesão social
- Relacionamentos satisfatórios
- Fortalecimento da fraternidade
- Desafio à ação social
- Desenvolvimento cultural

Liderança de liturgia

A fim de cultuar a Deus de maneira mais apropriada, muitas igrejas têm descoberto a vantagem de indicar um líder de liturgia. Blackwood aconselha que “em cada ocasião de culto público

deveria haver um líder de adoração que tenha sido treinado”.⁵ Essa pessoa tem a seu encargo o planejamento e direção do culto, em harmonia com o pastor. Uma das suas tarefas é instruir as pessoas sobre como devem desempenhar bem as atividades a elas confiadas. Igrejas maiores podem estabelecer uma comissão de liturgia, composta de três a cinco pessoas.

O culto é prioridade para Deus. E assim deve ser para nós, individualmente, na família e em nossas igrejas. 

Referências:

¹ Holmes, *Sing a New Song*, p. 48.

² Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 191.

³ D. E. W. Harrison, *Ways of Worship*, p. 20.

⁴ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, p. 252.

⁵ Andrew Blackwood, *The Fine Art of Worship*, p. 20.

Ellen G. White e o culto

“A casa é o santuário da família; e o aposento ou a floresta o lugar mais recôndito para o culto individual; mas a igreja é o santuário da congregação. Devem existir aí regulamentos quanto ao tempo, lugar e maneira do culto. Nada do que é sagrado, nada do que está ligado ao culto divino, deve ser tratado com negligência ou indiferença. Para que os homens possam verdadeiramente glorificar a Deus, importa que em sua associação de idéias façam distinção entre o que é sagrado e o que é profano.” – *Testemunhos Seletos*, v. 2, p. 194.

“O pastor deve entrar na casa de oração com uma compostura digna e solene. Chegado ao púlpito, deve inclinar-se em silenciosa oração e pedir fervorosamente a assistência de Deus. Que impressão não fará isto! A solenidade se apoderará de toda congregação. Seu pastor ali está, comunicando-se com Deus, encomendando-se a Ele antes de ousar apresentar-se diante dela. Uma profunda solenidade invade tudo e a todos, e os anjos de Deus são trazidos para bem perto.” – *Ibid.*

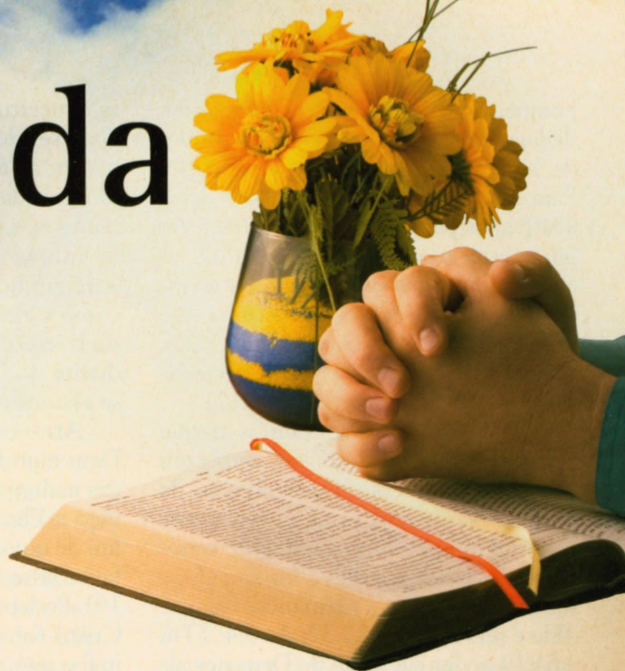
“Para a alma crente e humilde, a casa de Deus na Terra é como que a porta do Céu. Os cânticos de louvor,

a oração, a palavra ministrada pelos embaixadores do Senhor, são os meios que Deus proveu para preparar um povo para a assembléia lá do alto, para aquela reunião sublime à qual coisa nenhuma que contamine poderá ser admitida.” – *Ibid.*, p. 193.

“A atitude indiferente dos crentes na casa de Deus, é um dos grandes motivos por que o ministério não acusa maiores resultados. A melodia do canto, derramando-se dos corações num tom de voz claro e distinto, representa um dos instrumentos divinos na conversão de almas. Todo o culto deve ser efetuado com solenidade e reverência, como se fora feito na visível presença do próprio Deus.” – *Ibid.*, 195.

“A música faz parte do culto de Deus, nas cortes celestiais, e devemos esforçar-nos, em nossos cânticos de louvor, por nos aproximar tanto quanto possível da harmonia dos coros celestiais. O devido cultivo da voz é um aspecto importante da educação, e não deve ser negligenciado. O cântico, como parte do culto religioso, é um ato de adoração, tanto como a prece.” – *Patriarcas e Profetas*, p. 594.

Teologia da oração



Divulgação

Angel M. Rodriguez

Diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Associação Geral da IASD

*Ao orarmos,
acontece algo que
torna possível
nosso acesso
ao Pai, graças
ao que Cristo
conquistou por
nós. Já não somos
alienados do
templo celestial
de Deus*

Uma teologia da oração deveria examinar sua natureza e sua contribuição para melhor compreensão de Deus e nosso relacionamento com Ele. Isso deveria nos levar, primeiramente, a considerar os conceitos que são fundamentais à oração e vê-la como expressão teológica.

A oração tem lugar dentro de uma plataforma de crenças teológicas, embora raramente pensemos a respeito delas. Podemos até ter abraçado conceitualmente tais crenças, mas não as ligamos diretamente à oração. Neste artigo abordaremos alguns desses conceitos.

Fundamento teológico

Teísmo bíblico. A oração começa com a afirmação de que há um Deus e que nós podemos nos comunicar com Ele. Essa declaração descarta o deísmo, que afirma ter Deus abandonado o mundo depois de terminar Sua obra criadora. Uma teologia da oração também descarta o panteísmo, conceito que concebe Deus como um poder impessoal que permeia todas as coisas, inclusive nós. Nesse sentido, a oração bíblica difere da meditação oriental, que busca integração com a consciência cósmica enquanto a oração busca comunhão com um Deus pessoal.

Sendo que a doutrina bíblica de Deus é única, a oração cristã também é especialmente única. Ela opera dentro de uma compreensão trinitariana de Deus. Quando oramos, dirigimo-nos à Divindade, com a convicção de que cada um de Seus componentes está ativamente envolvido conosco enquanto, pela fé, nos aproximamos dEles. O Espírito Santo ouve nossas débeis petições e as articula de modo que expressem o real intento do nosso ser (Rm 8:26). Então, o Filho exerce mediação junto ao Pai, que é o objeto de nossas preces (Sl 5:2), e o Pai concede o poder de que necessitamos em resposta ao nosso pedido.

Imanência de Deus. A questão da natureza da presença de Deus em Sua criação permanece teologicamente complexa. Há séculos, teólogos e filósofos a têm discutido sem chegarem a um entendimento comum. O panteísmo é uma das tentativas, mas é insatisfatório, porque sacrifica a personalidade de Deus, e porque O concebe não como “Deus aqui e agora”, mas como participante no processo de tornar-Se. Ao contrário dessa visão, o Deus bíblico “é”. Ele é o “Eu Sou” (Êx 3:14). Ele não é apenas o Deus auto-existente, mas também está aqui conosco. Encontra-Se tão perto que pode nos ouvir quando oramos (Dt 4:7; Sl 6:8; Mt 6:6).

Em grande medida, o pensamento grego foi responsável por incorporar o conceito de um Deus impassivo e frio na teologia cristã. Esse Deus não podia nos ouvir porque era alguém distante. Porém, a oração opera dentro da convicção teológica de que Deus está conosco, experimenta nossas alegrias, tristezas e nossos temores, e que nos ouve quando invocamos Seu nome (Êx 3:7). Ele não é o deus escondido dos filósofos, mas o Deus que está tão perto de nós, que podemos tocá-Lo pela fé, através da oração, e nos afaga com Sua resposta amorosa.

Comunhão com Deus. A comunhão e a amizade que mantemos com Deus são únicas

porque, através delas, podemos entrar em diálogo com a fonte da vida. Na verdade, há uma profunda *koinonia* na oração. Para que essa amizade seja real e significativa, as partes envolvidas devem ter um centro gravitacional comum que as conduz juntas em uma harmonia de interesses e alvos. A oração encontra esse núcleo gravitacional na pessoa de Cristo, em quem Deus Se fez presente reconciliando o mundo consigo (2Co 5:17).

Difícilmente entendemos o que acontece à mente humana, entramos em comunhão com Deus através da oração. Nesse encontro, nossa mente se torna moral e espiritualmente renovada; nosso ser, nutrido e fortalecido, e somos capacitados a permanecer diante dEle e servi-Lo (Lc 22:32; At 6:4; 1Tm 2:8). O poder e a graça de Deus nos alcançam através da oração. O publicano derramou sua alma ao Senhor e voltou para casa justificado diante de Deus, espiritualmente renovado e fortalecido (Lc 18:10-14). Foi durante a oração que Jesus foi transfigurado diante de alguns discípulos (Lc 9:29).

Amor de Deus em Cristo. A oração pressupõe que algo acontece no âmbito cósmico que torna possível nossa acessibilidade a Deus. Temos aceitado como realidade inquestionável que Deus, em Seu amor, manifestado na morte sacrificial e redentora de Seu Filho, tornou-Se acessível a nós. A condição da humanidade mudou radicalmente, graças ao que Cristo conquistou para nós. Já não somos alienados do templo celestial de Deus (1Rs 8:49; Jn 2:7).

Oração e conflito cósmico. Da perspectiva da igreja e da família celestial, oramos a Deus a partir de um mundo de pecado e morte, que não aceita nem reconhece Sua soberania universal. Nossas orações revelam ao Universo e às forças do mal que nos posicionamos ao lado de Deus no conflito. Na moldu-

ra conceitual e experimental, a oração pode ser descrita como ato de rebelião contra as forças do mal. Quando oramos, testemunhamos o fato de que não temos nos submetido às reivindicações do inimigo; que reconhecemos apenas a reivindicação de Cristo sobre nós, como Criador e Redentor. Como Daniel, escolhemos orar publicamente, diante do Universo, para revelar onde se encontra nossa lealdade (Dn 6:11).

Através da oração, pedimos que Deus manifeste Seu poder sobre as forças malignas que se opõem a nosso serviço a Ele. Intercedemos por outros, a fim de que o poder divino opere em seu favor (Rm 15:31; cf. Cl 4:3; Hb 13:18, 19). Podemos orar, porque sabemos que Cristo foi vitorioso sobre as forças do mal e que, pela fé, Sua vitória também é nossa. A oração não é uma cruzada contra o inimigo, mas a apropriação da vitória de Cristo sobre ele. Aproximamo-nos de Deus em oração não porque temamos o inimigo, mas porque desejamos ter comunhão com Deus, que através de Cristo, já o derrotou. Em comunhão com Ele, através do sangue de Cristo, também somos vencedores.

Expressão teológica

Qual é o significado teológico da oração? Que contribuição ela presta à nossa compreensão da gloriosa salvação que Jesus nos oferece? A oração se torna o assunto de reflexão teológica em conexão com a obra redentora de Cristo. Ela não pode ser separada da obra salvadora de Cristo. Orar não é simplesmente falar com Deus, por mais importante que isso seja; também é um ato religioso através do qual proclamamos nossa necessidade e constante confiança na obra redentora de Cristo em nosso favor. Oração é fundamentalmente uma representação das boas-novas da salvação. Os elementos-chaves do evangelho estão incorporados no próprio ato e experiência de orar.

Oração e necessidade. Em sentido restrito, a oração parece ser motivada pela necessidade, seja ela temporal, emocional ou espiritual. A oração gira em torno da necessidade. Oração de louvor antecipa uma necessidade, ou responde a uma necessidade que foi ou será satisfeita. Orações de gratidão expressam agradecimento pelas bênçãos de Deus, através das quais nossas necessidades foram atendidas.

Sendo a necessidade também parte intrínseca do nosso ser, a oração nos convida a reavaliar nossa autopercepção e reconhecer que, por natureza, estamos em constante necessidade. Precisamos de outras pessoas, e precisamos de muitas outras coisas, para compreendermos e desenvolvermos o potencial que Deus nos deu. Esse é particularmente o caso em um mundo de pecado e morte, no qual nosso ser é quase, senão sempre, ameaçado. Essa consciência de necessidade nos leva a prostrar-nos diante do Pai em oração.

“Oramos como ato de adoração, pelo qual expressamos a convicção de que a todo-suficiência de Deus supera nossa insuficiência”

É aqui que a oração começa a revelar seus estreitos laços com o evangelho da salvação em Cristo Jesus. O que Ele fez por nós pressupõe que os seres humanos estavam desesperadamente necessitados de salvação. De fato, essa era nossa suprema necessidade. Todas as outras necessidades são, em certo sentido, um *tipo* ou *símbolo* da mais importante necessidade de reconciliação com Deus, profundamente enraizada no coração humano. O pecado tende a apagar essa suprema necessidade da alma, enganando pecadores e levando-os a concluir que não precisam orar porque não têm necessidades. Porém, todos somos necessitados. E todas as nossas necessidades podem ser satisfeitas porque a necessidade fundamental de redenção já foi atendida.

Quando levamos nossas necessidades a Deus, estamos proclamando que a necessidade da alma – de união com Deus – já foi satisfeita através de Cristo. A oração memoriza essa experiência e mantém viva em nossa vida espiritual a consciência de nossa constante neces-



sidade e dependência de fé em Cristo para nossa salvação.

Auto-suficiência. A oração exclui nossa autodependência e firma raízes na humilde compreensão de que carecemos de sabedoria, poder e até boa vontade para suprir nossas necessidades pessoais. Ela estabelece que somos incapazes e impotentes para alcançar plena realização pessoal. Sem essa convicção de insuficiência, a oração se torna quase irrelevante.

Tal convicção reside não apenas na base de nossas orações, mas, particularmente, no próprio coração do evangelho. O evangelho pulveriza nossas reivindicações por auto-suficiência, nos humilha e lança ao pó nosso ego inflado. O evangelho nos ilumina, permitindo-nos perceber nossa verdadeira condição, não apenas como criaturas necessitadas, mas, principalmente, como seres incapazes de se ajudarem. A inabilidade que enfrentamos para satisfazer nossas necessidades nos move a orar e aponta a insuficiência total que experimentamos quando pela primeira vez somos confrontados com o evangelho de Cristo.

Auto-suficiência de Deus. A oração está fundamentada na convicção de que Deus permanece como o único que pode suprir nossas necessidades. De acordo com a Bíblia, aqueles que oram fazem a significativa descoberta da suficiência de Deus. Sendo o objeto de nossas orações, Ele Se torna nosso parceiro no diálogo. Portanto, oramos como um ato de adoração através do qual expressamos a maravilhosa convicção de que a todo-suficiência de Deus supera nossa insuficiência. Conseqüentemente, não necessitamos orar a poderes espirituais que disputam nosso serviço. A oração cristã proclama que somente Deus tem a habilidade para suprir abundantemente todas as nossas necessidades.

Incorporação do evangelho

O evangelho enfatiza o fato de que somente Deus pode nos tirar da condição de necessitados e da situação de impotência. Quando oramos, não somente O reconhecemos como o único que pode suprir nossas necessidades, mas também afirmamos que Ele nos livra do poder do pecado e da morte, mesmo antes de Lhe pedirmos (Rm 5:21).

Oração e mediação. Cristo nos ensinou o valor da oração, porque Ele pessoalmente o experimentou em comunhão com o Pai. Ele sabia que o pecado

nos separou de Deus, mas também sabia que Deus sempre desejou comungar conosco. Ele anunciou que, em Sua pessoa, foi aberto um canal de comunicação entre nós e Deus (Jo 16:23; cf. 14:13, 14). A mediação do Filho não pressupõe má vontade da parte do Pai em nos ouvir. Ao contrário, expressa a divina boa vontade para manter tão intensa comunhão conosco que Ele encontrou um meio pelo qual pode nos ouvir, apesar de nossos pecados (Sl 69:13; 4:1). Como nosso sumo sacerdote, Cristo Se identifica com nossas necessidades e alegrias, e impregna nossas preces com a eficácia celestial.

Sempre que oramos em nome de Jesus, reafirmamos nosso compromisso com as boas-novas de salvação através da mediação do Filho. Foi através de Sua morte na Cruz que Deus nos reconciliou com Ele. O mistério dessa profunda transação é memorizado no ato de orar, através do qual reconhecemos que Ele vive “sempre para interceder” em nosso favor (Hb 7:25).


A vontade de Deus. A oração pode evidenciar um conflito de interesses. O que nós pensamos ser nossa necessidade pode não coincidir com o que Deus pensa sobre isso. Conseqüentemente, Jesus nos ensinou a orar dizendo: “Seja feita a Tua vontade assim na Terra como no Céu” (Mt 6:10). Essa dimensão da prece abre o mistério da chamada “oração sem resposta”. Através da resposta que nunca nos vem exatamente como desejamos, o Senhor revela que mesmo no diálogo conosco, Ele permanece soberano. O modo bíblico de resolver o suposto conflito de vontades na experiência da oração é a rendição do ser humano à vontade de Deus. A oração de fé caracteriza-se não apenas pela firme convicção de que Deus sempre nos ouve, mas também pela igualmente importante convicção de que Sua vontade sempre busca nosso bem.

No ato de ajustar e até mesmo abrir mão de nossas expectativas em favor da vontade de Deus, somos lembrados do momento em que rendemos nossa vontade a Ele através do arrependimento, confissão e conversão. Desde então,

começamos a caminhar em novidade de vida conforme Sua vontade para conosco. Submetemo-nos a Ele porque, através da obra do Espírito Santo em nosso coração, fomos persuadidos de que essa vontade é o melhor para nós. Na rendição de nossa vontade, a oração e o evangelho se entrecruzam.

Oração como resposta. A oração inclui não apenas falar com Deus, mas também proclamar nossa dependência dEle, como resposta de nosso amor ao ato salvífico de Deus em Cristo. Conseqüentemente, a oração não é apenas pedir, mas louvar, agradecer e bendizer a Deus por Sua bondade, lealdade e misericórdia para conosco. De modo particular, evangelho e oração andam juntos quando nos ajoelhamos e pedimos perdão. Esse é o alvo do evangelho, porque nesse momento o orgulho humano entra em colapso e nos prontificamos a receber do Senhor o que realmente necessitamos: perdão do pecado. Toda oração é um eco desse momento.

A oração como resposta a Deus não se expressa apenas com nossa mente. Todo o nosso ser – mente, razão, emoções e corpo – está envolvido. Através de todos esses aspectos do nosso ser, a oração mostra ser nossa resposta à presença e bondade de Deus.

A oração integra teologia e a prática de devoção pessoal a Deus, de um modo que, talvez, nenhum outro ato de adoração o faça. Emoldurada por alguns dos mais profundos tópicos da teologia cristã, ela representa nosso primeiro encontro com as boas-novas da salvação em Cristo. A oração é essencial à proclamação do evangelho, do qual ela é uma incorporação, no ato de adorar a Deus. 

Virando o jogo



Dave Livermote

Pastor adventista em Washington, Estados Unidos

O que pode ser feito quando aparentemente falham todas as tentativas para o crescimento de sua igreja

É manhã de domingo. Acabei de assistir a um bem disputado jogo de futebol. Durante o primeiro tempo, uma equipe dominou inteiramente a outra. Mas, no intervalo para o segundo tempo, a equipe antes dominada fez tão boas mudanças que reassumiu o controle da partida e acabou vencendo a disputa, na segunda etapa.

Que podemos nós, como igreja, aprender dessa reviravolta que levou o time à vitória?

O problema

Primeiramente, confesso que fico quase doente quando observo o que o inimigo realiza em nossas comunidades: a expansão do crime, vícios, lares partidos, e o vazio expresso em muitos rostos. Quando nos voltamos para a igreja como lugar de esperança, um lugar em que perguntas podem ser respondidas e onde a vida pode recomeçar, freqüentemente encontramos atitudes independentes, espíritos críticos, esforços divididos, relatividade moral, e uma solidão que fere. Voltando à analogia do jogo de futebol, o placar nos mostra que estamos perdendo.

Imaginemos que estamos no intervalo entre o primeiro e o segundo tempos. Que alterações devemos fazer para que nossa “equipe” volte a exercer impacto na comunidade? Em primeiro lugar, prestar atenção às instruções do técnico. Jesus, o “Técnico”, estabeleceu nossa missão: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século” (Mt 28:19 e 20).

Abordagem pessoal

Há quem pense que um tradicional método para cumprir essa missão, o evangelismo público, se tornou custoso e grandemente ineficaz. Muitos pastores já o descartaram. Tenho ouvido a respeito de colegas que tentaram realizar uma campanha evangelística e nenhum visitante apareceu. “Bem, estas reuniões são boas para a igreja também”, dizem eles, resignados. Isso pode ser verdade, mas não programamos campanhas evangelísticas com esse propósito. A comunidade, não a igreja, é o alvo. Alguns também crêem que, pelo fato de que campanhas evangelísticas não funcionam bem em alguns países, as pessoas não estão interessadas em nossa mensagem para os últimos dias. Isso simplesmente não é verdade.

Creio que a igreja adventista do sétimo dia não crescerá sem evangelismo público. Estou convencido de que a igreja que pastoreio não crescerá sem evangelismo público. Temos feito uma série evangelística em cada um dos últimos nove anos e sei que devemos, ao longo do ano, arar o terreno, lançar a semente e fertilizar o solo. Esses passos manterão a igreja focalizada no rumo que a levará ao sucesso nas campanhas de evangelização. Nosso “Técnico” estabeleceu o exemplo: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se

do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’” (A Ciência do Bom Viver, p. 143).

“Apenas algumas alterações. Isso é tudo para que a igreja volte a ter vida. Mesma equipe, mesmas regras, mesmo objetivo; porém, uma nova estratégia”

Milhares de folhetos e convites deixados em caixas de correio jamais substituirão o valor do contato pessoal. Quando fazemos amigos, participamos de eventos na comunidade, visitamos a vizinhança, oramos nos lares de famílias com problemas, conquistamos a confiança e a simpatia das pessoas. Assim, abrimos o caminho para falar a seu coração e convidá-las a um pequeno grupo estabelecido para aprofundar relacionamentos.

Nossos pequenos grupos não precisam fazer nada mais que estabelecer amizades. Um líder de pequeno grupo em nossa igreja disse-me o seguinte: “Eu cuidarei da amizade, dos relacionamentos e dos estudos bíblicos. Depois, encaminharei os participantes do grupo ao local da campanha evangelística e você cuidará do restante.” Faça amigos, e a oportunidade de convidá-los para reuniões de evangelismo surgirá muito naturalmente.

Novo modelo

Ajustes, mudanças e adaptações

em um projeto fazem muita diferença. Por exemplo, no ano passado, chegamos à conclusão de que seria impróprio esperar que as pessoas de nossa comunidade viessem assistir a uma programação evangelística durante vinte dias seguidos. Gosto muito de jogar golfe; mas, eu jamais conseguiria assistir a uma série de vinte jogos seguidos, mesmo no verão, por mais que eu desejasse fazê-lo. Sou muito ocupado. Entre outras características peculiares, as pessoas em nossa comunidade também são muito ocupadas, assim como os membros da igreja.

Que decidimos fazer, e como fizemos, então, para facilitar a frequência das pessoas à programação? Atos 15:19 diz: “Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus.”

Primeiramente, nós nos preparamos ao longo do ano. Depois, e aqui está o ponto em que tivemos de fazer ajustes, decidimos realizar as reuniões em três fins de semana. Simples assim. Essa foi nossa campanha evangelística.

Na noite de abertura, numa sexta-feira, foram apresentados dois sermões. Sem preliminares, sem música, tivemos nada mais que calorosas expressões de boas-vindas, salgadinhos em uma mesa, explicações sobre o cuidado dispensado às crianças, informações sobre o programa em si, e uma prévia, curta, sobre os encontros do dia seguinte. Os dois sermões foram apresentados por diferentes oradores: eu falei sobre os sinais da vinda de Cristo, e nosso pastor associado concluiu a programação falando sobre como Jesus voltará.

Convidamos os visitantes a retornarem na manhã seguinte, quando falei sobre Daniel 2, no culto de sábado. O lanche desse dia teve início às 18h, com muitos participantes. Em seguida, tivemos outras duas palestras. Essa foi a programação dos outros dois fins de semana e, durante toda a campanha, 115 pessoas participaram regularmente. Nesse período, cobrimos quinze temas, aproveitando os cultos de sábado pela manhã.

Passados os três fins de semana, estabelecemos uma nova Escola Sabatina composta por esses novos

amigos e por alguns irmãos que mantinham relacionamentos com eles. A partir de então, outros assuntos foram abordados, uma classe bíblica também foi estabelecida e, nela, seguimos a série de estudos intitulada “Nos passos de Paulo”. Aproximadamente 30 pessoas foram batizadas até o fim do ano como fruto desse trabalho.

Considerando que alguns ainda não tornaram pública sua decisão pelo batismo, mas continuam frequentando assiduamente as reuniões, encerramos a série de estudos e os transferimos para uma classe bíblica especial na Escola Sabatina, e que é dirigida por nosso obreiro bíblico. Essas pessoas continuam estudando nossas crenças fundamentais e estão avançando, na caminhada que as levará a dar o passo decisivo de sua experiência com Cristo.

Igreja transformada

Quando as pessoas de uma comunidade passam a saber quem são os adventistas do sétimo dia, alguma coisa poderosa acontece à igreja. Todo o corpo ganha vida; a igreja adquire nova fragrância, com nova atmosfera invadindo seu ambiente, fluindo através do centro de adoração. Você encontra vestígios de força, expectativa, em todos os cômodos. Essa atmosfera permeia toda a igreja que, antes, estava focalizada em si mesma, porém, agora, com novos ajustes e alterações em sua estratégia, torna-se o que Deus sempre desejou que fosse: um organismo focalizado em alcançar pessoas e encaminhá-las ao Seu reino.

Apenas algumas alterações. Isso é tudo, para que a igreja volte a ter vida. Acho que nosso “Técnico” está nos chamando para reassumir o controle do jogo: mesma equipe, mesmas regras, mesmo objetivo; porém, uma nova estratégia. Estamos no intervalo da partida, e Ele está abrindo nossos olhos e mente para a necessidade de mudar sua direção, em busca da vitória. Acaso, continuaremos fazendo o que temos feito anos a fio, correndo o risco de nos arrastar moribundos, no segundo tempo? Ou teremos coragem e determinação para fazer as mudanças necessárias, assumindo uma atitude nova, que nos possibilite mudar o rumo do confronto? 🙏

Marcas da igreja ideal



Emílio Abdala Dutra

Professor no Seminário Teológico da Faculdade Adventista da Bahia

Lições da experiência evangelística da comunidade cristã de Antioquia, válidas para as igrejas do século 21

Existe verdade no adágio popular, segundo o qual algumas pessoas fazem acontecer, outras assistem aos acontecimentos, enquanto outras estranham e duvidam dos fatos. Se pudéssemos aplicar esse adágio às igrejas de modo geral, como ele se ajustaria, por exemplo, à igreja de Antioquia? Que características observadas em Atos 11 e 13 tornariam aquela igreja um modelo a ser imitado pelas congregações adventistas na Divisão Sul-Americana?

O livro de Atos tem sido chamado de “A história das três cidades”.¹ De fato, Lucas inicia seu relato com os poderosos milagres ocorridos em Jerusalém. Em seguida, muda o foco para uma quase desconhecida cidade chamada Antioquia. No fim do livro, o centro do testemunho parece ser Roma, cidade na qual Paulo escreveu algumas de suas epístolas. A igreja de Antioquia pode não ter a importância profética das sete igrejas mencionadas no Apocalipse, mas há muitas lições a serem aprendidas do seu crescimento, vitalidade e relevância, pelas igrejas de hoje.

Antioquia foi fundada por Seleuco I, em 300 a.C., em homenagem a seu pai, Antíoco I.² Por causa de sua localização estratégica, às margens do rio Orontes, ela rapidamente emergiu como importante centro político e comercial. Depois de Roma e Alexandria, Antioquia era a terceira cidade mais populosa do Império Romano, com aproximadamente 500 mil habitantes.³ Apesar de se constituir um ambiente multirracial, rico, militarizado e rival de Corinto, no que tange à imoralidade, existem evidências de que a população insatisfeita recorria a horóscopos, magia, e aos deuses da Sorte, do Destino, Serápis, entre outros.⁴

Por outro lado, o sociólogo Rodney Stark descreve Antioquia como uma cidade na qual muitas famílias viviam em quarteirões apertados e cheios de miséria; um lugar em que o crime prosperava e, durante a noite, as ruas se tornavam ambientes perigosos. Além disso, repetidas vezes, a cidade foi afligida por terremotos, saqueada cinco vezes e incendiada quatro vezes.⁵

Apesar de todos esses infortúnios, é significativo que uma igreja cristã, considerada ideal, ali foi estabelecida, antes de o Senhor enviar Seus missionários para o vasto mundo romano. É também digno de nota o fato de ter sido nessa igreja-modelo que o Senhor da seara chamou servos para o grande empreendimento missionário.

Em pouco tempo, Antioquia substituiu Jerusalém como centro do cristianismo. Dali, saíram indivíduos como Inácio, bispo e mártir (110 a.D.), Crisóstomo (390 a.D.) e Teodoro de Mopsuestia (390 a.D.).⁶ Em Antioquia, também aconteceram dez significativos concílios entre os anos 252 a.D. e 300 a.D. Na igreja ali sediada, existiu uma escola que enfatizava a interpretação literal da Bíblia, em contraposição à escola de Alexandria.⁷

Qual o segredo de tanta vitalidade espiritual? Que princípios dignos de imitação, por parte de nossas igrejas hoje, impulsionaram a igreja de Antioquia?

Liderança comprometida

Igrejas fortes terão, inevitavelmente, líderes piedosos (1Tm 3:1-13; Tt 1:5-9), e

a igreja de Antioquia não foi exceção. Provavelmente, um dos seus líderes fundadores teria sido Nicolau, “prosélito de Antioquia”, que se tornou um dos sete diáconos da igreja em Jerusalém (At 6:5). Lucas o descreve como pertencendo a um grupo de “homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria” (At 6:3). É possível que Nicolau tivesse retornado à sua cidade natal a fim de testemunhar sobre sua nova crença.⁸ Barnabé, outro líder que trabalhou em Antioquia, foi descrito como “homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé” (At 11:24).

Esses homens, além de possuírem caráter íntegro, eram sábios para compartilhar sua liderança, de tal modo a mobilizar uma variedade de talentos e dons para o serviço. Liderança compartilhada tem maior eficácia, porque preserva a congregação das peculiaridades de um só homem. Barnabé foi suficientemente humilde para reconhecer que nenhum líder possui todos os dons, energia e qualidades necessárias para o crescimento da igreja.⁹ Ele sentiu a necessidade de trabalhar em equipe, de ter um assistente cujos dons, convicções e experiência pudessem complementar os seus, e ajudar no progresso da evangelização.

Na busca desse assistente, seus pensamentos, guiados pela Providência, volveram-se para o amigo Saulo, a quem encontrou em Tarso e persuadiu para ajudá-lo em Antioquia (At 11:25, 26). A respeito de Saulo é dito que “sua cultura, sabedoria e zelo exerceram uma poderosa influência sobre os habitantes e as pessoas que freqüentavam aquela cidade de cultura; e ele se mostrou ser precisamente o auxílio de que Barnabé necessitava”.¹⁰

A liderança também promovia a unidade eclesial através de um ambiente de cooperação, coordenação entre os ministérios, e também de aceitação. Os crentes de Antioquia não manifestaram objeções à chegada do “inspetor” Barnabé, oriundo de Jerusalém, a fim de investigar o andamento dos trabalhos e assumir o ministério do ensino (At 11:22-26). Os líderes da igreja em Antioquia apoiaram e se identificaram com Paulo e Barnabé, em seu empreendimento missionário (At 13:3); mostraram interesse em receber os relatórios dos missionários (At 14:27), despacharam delegações para os concílios da organização da igreja (At

15:3) e acataram as decisões do concílio realizado em Jerusalém (At 15:30).

Naquela comunidade, não havia espaço para independência individual ou para adoção de critérios particulares. “Deus opera mediante designados instrumentos em Sua igreja organizada”.¹¹ “Negligenciar ou desprezar aqueles que Deus designou para arcar com as responsabilidades da administração ligadas ao progresso da verdade, é rejeitar o meio ordenado por Ele para auxílio, animação e fortalecimento de Seu povo.”¹²

“Liderança compartilhada tem maior eficácia, porque preserva a congregação das peculiaridades de um só homem”

Comprometimento com a evangelização

Evangelismo é o processo de partilhar o evangelho com pessoas que não conhecem a Cristo, levá-las à aceitação dEle, e incorporá-las como membros responsáveis do corpo de Cristo. A igreja ideal possui membros que dão vigoroso testemunho a respeito de seu Senhor entre amigos, parentes, vizinhos e colegas de trabalho. O método de proclamar a mensagem não é o ponto crucial. A responsabilidade de proclamar a mensagem, sim, é o ponto decisivo. Os membros da igreja primitiva, “todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo” (At 5:42).

Por haver surgido como fruto de um esforço missionário, a igreja de Antioquia certamente preenchia essas qualificações. Um grupo de cristãos das cidades de Chipre e Cirene, que foi disperso de Jerusalém após a morte de Estevão, vagueou de vila em vila até chegar a Fenícia, Chipre e Antioquia (At 11:19).

Primeiramente, os missionários judeus pregaram o evangelho somente às pessoas da comunidade judaica local, e tiveram resultados animadores (At 11:19, 26; 14:26-15:2; Gl 2:11-14).

Então, algo novo e revolucionário aconteceu na evangelização. Alguns homens de precedência cosmopolita proclamaram o evangelho pela primeira vez aos gregos (não judeus de fala grega, mas gentios).¹³ A tendência de fazer as coisas de maneira diferente suscitou calorosas discussões no concílio de Jerusalém (At 15:1, 2; Gl 2:11-14). Porém, a nova experiência evangelizadora obteve a bênção de Deus. “A mão do Senhor estava com eles, e muitos, crendo, se converteram ao Senhor.” (At 11:21).

A situação do mundo, nos primeiros séculos, exigia extraordinário grau de abertura a mudanças, por parte dos apóstolos. Paulo estava preparado para adaptar seus métodos na apresentação da mensagem do evangelho. Disse ele: “Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, embora não esteja eu debaixo da lei. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele.” 1Co 9:19-23.

Há igrejas que resistem às mudanças requeridas para o crescimento em todas as suas dimensões. Pense, por exemplo, na oposição que alguns manifestam à idéia de implantar pequenos grupos, ou nos conflitos gerados pela intenção de mudar o horário dos cultos para outro mais conveniente às pessoas da comunidade.

Ellen White sugere que o exemplo dos cristãos de Antioquia seja seguido em nossos dias: “O exemplo dos seguidores de Cristo em Antioquia deve ser uma inspiração para todos os crentes que vivem atualmente nas grandes cidades do mundo. Conquanto esteja no plano de Deus que obreiros escolhidos, de consagração e talento, sejam esta-

cionados em importantes centros de população para realizar conferências públicas, é também Seu propósito que os membros da igreja que vivem nessas cidades usem os talentos que Deus lhes deu trabalhando em favor das pessoas. ... Deus está chamando não somente pastores, mas também médicos, enfermeiros, colportores, obreiros bíblicos e outros consagrados membros da igreja, possuidores de diferentes talentos, que tenham o conhecimento da Palavra de Deus e possuam o poder de Sua graça, para que considerem as necessidades das cidades não advertidas.”¹⁴

Sem relacionamentos afetivos, a igreja não crescerá. Ninguém vai para um ambiente de frieza, crítica e tensões

Compromisso com a edificação

O discipulado é uma jornada que dura uma vida inteira de aprendizado das lições de Cristo e de obediência a Ele. O Mestre muda os valores e o comportamento das pessoas que O aceitam, resultando em ministério no lar, na igreja e no mundo. O grande despertamento de evangelização em Antioquia exigia duplo esforço de ensino, a fim de tornar aquela multidão de pagãos convertidos, sem nenhuma formação judaica, em uma comunidade composta de cristãos amadurecidos (Cl 1:28). Sérias tensões entre os antigos crentes (judeus e prosélitos) e esses novos membros gregos ameaçavam a permanência destes na igreja (At 15:1-3; Gl 2:11-14).¹⁵

Quando a igreja de Jerusalém foi informada sobre os acontecimentos de Antioquia, enviou Barnabé para consolidar o trabalho (At 11:22). Ao chegar, Barnabé também chamado “Fi-

lho de exortação” (At 4:36), em vez de impor exigências legalistas sobre os novos membros, “exortava a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor” (At 11:23). Tendo chamado Paulo para ajudá-lo, trabalharam juntos durante um ano, ensinando numerosa multidão (At 11:26; 15:35), até que a igreja atingisse certa medida de maturidade. Como evidência do sucesso desse trabalho, “em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos” (At 11:26). “Este nome lhes foi dado porque Cristo era o principal tema de sua pregação, conversação e ensino.”¹⁶

Ministério Social

Acaso sua igreja demonstra compaixão para com os pobres e desfavorecidos? Está motivada, pelo amor, a realizar programas de ação social em favor da comunidade? Essa era uma notável característica da igreja de Antioquia. O profeta Ágabo, que tinha vindo de Jerusalém com um grupo de pessoas, advertiu os cristãos de Antioquia “que estava para vir grande fome por todo o mundo, a qual sobreveio nos dias de Cláudio” (At 11:28). De acordo com o historiador Flávio Josefo, a Judéia foi afligida por uma terrível fome entre os anos 44 d.C. e 48 d.C.

Ágabo não teve de ameaçá-los, valendo-se do texto de Mateus 25, para motivá-los a ajudar. “Os discípulos, cada um conforme as suas posses, resolveram enviar socorro aos irmãos que moravam na Judéia; o que eles, com efeito, fizeram (At 11:29, 30). Quão facilmente, nós, cristãos, temos adotado a atitude do ‘deixe que o governo cuide dos pobres e resolva o problema social’. Mas, a realidade é que a pregação das boas-novas precisa ser precedida e acompanhada pelos gestos de boas obras, como Jesus mesmo ensinou (Is 58:6-14; Mt 5:16).”¹⁷

O ministério segue naturalmente o evangelismo, a edificação e o companheirismo. Paulo explicou aos membros da igreja de Éfeso que eles deveriam ser equipados, ou capacitados, para realizar a obra do ministério (Ef 4:12). O evangelismo e o ministério estão intimamente relacionados entre si. A prioridade lógica nos leva a concluir que as necessidades físicas, mentais e sociais precisam ser atendidas em conexão com as necessidades espirituais.¹⁸ O ministério não pode substituir o evan-

gelismo em importância, mas o ministério é uma função essencial ao crescimento da igreja. “Temos de alimentar o faminto, vestir o nu, confortar o aflito e o sofredor. Devemos ajudar os que estão em desespero, e inspirar esperança aos destituídos dela.”¹⁹

Compromisso com o companheirismo

Antioquia era um microcosmo de pluralismo racial, nacional, social e religioso. Ela era o portão que unia o ocidente ao oriente.²⁰ Três grupos são identificados ali: judeus, prosélitos e gentios. Michael Green afirma que foi nessa igreja que, pela primeira vez, crentes judeus e gentios demonstraram que, entre eles, havia uma convivência marcada por relacionamentos de amor, tolerância mútua, abertura e liberdade.²¹

Outra evidência da presença dessas qualidades pode ser vista na descrição dos nomes dos anciãos de Antioquia (At 13:1). Cinco homens de diferentes raças, cores, posição social e educacional são mencionados entre a liderança. Barnabé era um levita de Chipre e, também, proprietário de terras; Simeão, que tinha por sobrenome Níger, ou negro, provavelmente tinha a pele escura; Lúcio de Cirene, local onde havia famosa escola de medicina, é identificado por alguns como Lucas, autor do livro de Atos; Manaém era um aristocrata, associado com a corte de Herodes Antipas. E havia também um intelectual enérgico, de Tarso, chamado Saulo.²² Não deve ter sido fácil para esse grupo conviver em paz, mas eles parecem ter conseguido.

Sem relacionamentos afetivos, a igreja não crescerá. As pessoas não vão para um ambiente de frieza, crítica e tensões. Sem que o princípio do companheirismo esteja em operação, torna-se difícil, também, para uma igreja a prática das funções de adoração, evangelismo e do ministério (1Jo 1:6, 7). O fato de que o cristianismo precisa ser vivido no contexto dos relacionamentos de amor foi extensivamente destacado desde o nascimento da igreja no dia de Pentecoste (At 2:45; 4:32-37).

O novo mandamento que Jesus deu aos discípulos, na noite em que foi traído, é uma das qualidades distintivas de igrejas acolhedoras e eficazes na evangelização: “Nisto conhecerão que todos sois Meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros.” Jo 13:35. No trabalho



Não é plano de Deus que a adoração seja uma atividade em que apenas as necessidades dos crentes sejam atendidas. Nem deve a adoração atender às necessidades dos descrentes apenas, mas de ambos os grupos. A adoração começa com Deus e não com as pessoas; mas é para o benefício da humanidade, e não de Deus.²⁹

Há muitos aspectos da adoração; mas, a oração se destaca por ser essencial para o crescimento da igreja em todas as suas dimensões. A igreja que nunca ora também não cresce. A oração promove crescimento em maturidade (Ef 1:15-19; Cl 1:9, 10), bem como a mobilização missionária e o crescimento numérico (Mt 9:38).

Compromisso com o plantio de igrejas

Existe outra notável característica da igreja em Antioquia. Seus membros,

que já tinham sido fiéis na evangelização local, também foram obedientes ao Espírito Santo no empreendimento de um esforço global. E como agiram localmente para impactar globalmente? Eles não apenas foram inovadores na pregação aos negligenciados gregos (crescimento por expansão), mas liberaram os líderes mais qualificados e experientes para o plantio de novas igrejas (crescimento por extensão). “Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram.” At 13:3.

Paulo refletia o espírito de Antioquia, quando mais tarde escreveu aos cristãos de Roma: “Esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio.” Rm 15:20. Nas palavras de Oswald J. Smith, “ninguém tem o direito de ouvir o evangelho duas vezes enquanto existir alguém que ainda não o ouviu sequer uma vez”. Assim, o exemplo de Antioquia é digno de imitação. Ela se tornou uma base para a evangelização da Europa, o ponto de partida das três viagens missionárias de Paulo. Se não

fosse o seu dinamismo e espírito de missão, o cristianismo teria permanecido uma subcultura do judaísmo.

Além da obediência e identificação com Cristo (At 11:26), o segredo do sucesso da igreja de Antioquia pode ser explicado por sua fidelidade às cinco funções básicas descritas no Novo Testamento, e que cada igreja deve compreender e adotar, a fim de ser obediente à grande comissão: evangelismo (At 2:38-41, 47); edificação (At 2:42, 43); companheirismo (At 2:42, 46, 47); ministério (At 2:44, 45); e adoração (At 2:46, 47). Essas funções precisam se tornar princípios vivos e ativos em nossa vida, antes de experimentarmos o poder de Deus no crescimento de nossas igrejas. **M**

Referências:

- 1 Ken Parker, *The Pastor's Church Growth Handbook* (Pasadena, CA: Church Growth Press, 1979), p. 61.
- 2 Ray Bakke, *A Theology as Big as The City* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1997), p. 145.
- 3 Arthur G. Patzia, *The Emergence of the Church: Context, Growth, Leadership & Worship* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2001), p. 98.
- 4 Michael Green, *Evangelism Now and Then* (Leicester: InterVarsity Press, 1979), p. 34.
- 5 Rodney Stark, *The Rise of Christianity: A Sociologist Reconsiders History* (Princeton, NJ: Princeton, University Press, 1996), p. 158-161.
- 6 George W. Peters, *A Theology of Church Growth* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1981), p. 245.
- 7 *Ibid.*
- 8 *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, vol. 6, pág. 260.
- 9 Richard R. DeRidder e Roger S. Greenway, *Let the Whole World Know: Resources for Preaching on Missions* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1988), p. 60.
- 10 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 156.
- 11 *Ibid.*, p. 162.
- 12 *Ibid.*, p. 164.
- 13 I. Howard Marshall, *Tyndale New Testament Commentaries* (Grand Rapids, MI: W. E. Erdmans Publishing Company, 2001), p. 201.
- 14 Ellen G. White, *Op. Cit.*, p. 158 e 159.
- 15 I. Howard Marshall, *Op. Cit.*, p. 242.
- 16 Ellen G. White, *Op. Cit.*, p. 157.
- 17 Monte Sahlin, *Ministries of Compassion: A Handbook for Adventist Community Services, Inner City Programs and Social Action Projects* (Lincoln, NE: NAD, 2000), p. 1-3.
- 18 Ellen G. White, *Medicina e Salvação*, p. 243.
- 19 _____, *A Ciência do Bom Viver*, p. 106.
- 20 *Atlas of the Bible* (Ann Harbour, MI: Borders Press, 2003), p. 174.
- 21 Michael Green, *Op. Cit.*, p. 39.
- 22 David J. Williams, *New International Biblical Commentary* (Peabody, MA: Hendricson Publishers, 1990), p. 221.
- 23 I. Howard Marshall, *Op. Cit.*, p. 215.
- 24 Gene Mims, *Kingdom Principles for Church Growth* (Nashville, TN: Life Way Press, 2001), p. 56.
- 25 *Ibid.*, p. 58.

de evangelização, Deus não abençoará igrejas enfraquecidas por divisões, ressentimentos e relacionamento frio entre seus membros.

Comprometimento com adoração

Os cristãos de Antioquia estavam comprometidos em oferecer adoração sincera ao Senhor. “E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram.” At 13:2, 3. Segundo Marshall, o verbo *servindo*, aqui, significa *adorando*. Trata-se de uma palavra grega originalmente utilizada para o serviço de culto dos sacerdotes e levitas no templo.²³

Adoração a Deus, mostrando reverência para com Ele, deve ser nossa prioridade. A verdadeira adoração não se encontra apenas na forma, quer tradicional ou contemporânea, mas na melhor compreensão de Seus caminhos e maior comprometimento com Ele.²⁴ No caso de Antioquia, a adoração inspirou compromisso com a missão.



Daniel de Oliveira / Eric Germano Kohler

PASTORES SÃO OS MAIS FELIZES

O ministério pastoral desponta como a atividade vocacional mais produtora de felicidade para seus participantes. Essa é a conclusão a que chegaram pesquisadores da Universidade de Chicago, depois de realizarem um estudo sobre os sentimentos de profissionais ligados a 198 ramos de atividade. O resultado da pesquisa foi divulgado pelo jornal *Chicago Tribune*, no dia 7 de abril deste ano.

Nos aspectos identificados como "satisfação" e "felicidade geral", destacados pela pesquisa, os pastores ocupam o primeiro lugar, seguidos por médicos e bombeiros. Oitenta e sete por cento dos pastores se declararam muito satisfeitos. Entre profissionais de outras atividades, a média foi de 44%. Ao item "muito feliz", 67% dos pastores responderam afirmativamente, contra 33% de outros profissionais. Mais de 60% entre professores, pintores, escultores, psicólogos e escritores também revelaram estar muito satisfeitos na realização de suas atividades.

De acordo com o *Chicago Tribune*, a pesquisa foi baseada em dados coletados desde 1988 e envolveu 27.500 indivíduos.



Eric Germano Kohler

IGREJA FAZ BEM ÀS CRIANÇAS

Segundo um artigo publicado pelo jornal *Batist Press*, de 1º de maio deste ano, crianças pequenas, filhas de pais frequentadores assíduos de igrejas, desenvolvem melhor comportamento emocional e cognitivo em relação a crianças cujos pais não vão a nenhuma igreja. Na

verdade, quanto mais assíduos são os pais, melhores são as crianças.

A conclusão é fruto de uma pesquisa coordenada pelo sociólogo John P. Bartkowski, da Universidade de Mississippi, Estados Unidos. Ele e sua equipe avaliaram crianças estudantes do nível fundamental, através de entrevistas com pais e professores. "Está muito claro que a assistência religiosa causa impacto positivo nas crianças", diz Bartkowski.



Daniel de Oliveira

HONESTIDADE NA PREGAÇÃO

Não há nada errado em se usar idéias e ilustrações de outros pregadores, ou publicadas em livros ou revistas. Porém, se você cita alguém em sua mensagem, faz bem mencionar a fonte. Um problema que está se desenvolvendo, nestes dias de acesso fácil à informação, é a prática do pregador copiar literalmente da internet sermões de outra pessoa e pregá-los como seus. Em que consiste o erro desse hábito?

1. É desonestidade apresentar um trabalho de outra pessoa como se fosse nosso. Se fizermos isso no mundo dos negócios, ou no ambiente acadêmico, seremos despedidos. A pregação não possui menos requerimentos éticos que o mundo secular. Engano é engano em qualquer contexto.

2. Rouba a congregação do direito de receber a verdade divina, através de um pregador ungido, chamado por Deus, e que deve trabalhar diligentemente para descobri-la nas Escrituras. Nossas igrejas merecem mais que sermões enlatados ou genéricos.

3. Frustra o pregador. Quando tomamos um atalho e usamos o sermão de outra pessoa, em lugar de preparar com oração nossa própria mensagem, fraudamos o processo de nosso crescimento como líderes espirituais. Em pouco tempo, estaremos nos perguntando por que somos tão vazios espiritualmente.

Se Deus o chamou para ser ator, então o povo espera que você siga o *script* de outros. Mas, quando a congregação o vê levantar-se para apresentar a mensagem de Deus, ela espera que você tenha orado, estudado e lutado para encontrá-la e apresentá-la com poder. Creio que Deus nos chamou para fazer exatamente isso. Por que deveríamos nos contentar com menos?

Michael Dudit, editor de *Preaching*

MINHA ENTREGA

Prefiro separar-me do mundo e de tudo quanto ele encerra, a separar-me de Ti, meu Salvador.

E, graças a Deus, sei que também Tu não estás disposto a passar sem mim!

Tu és rico e eu sou pobre; Tu tens abundância, e eu sou necessitado; Tu tens justiça e eu tenho pecados; Tu tens vinho e azeite, e eu ferimentos; Tu tens nascentes e comida, e eu tenho fome e sede.

Usa-me, pois, meu Salvador, para qualquer propósito, e de qualquer maneira que desejes. Aqui está meu pobre coração, recipiente vazio; enche-o de Tua graça.

Aqui está minha alma, pecadora e perturbada; aviva-a e refrigera-a com o Teu amor.

Toma meu coração para habitação Tua; meus lábios, para propagar a glória do Teu nome; meu amor e todas as minhas faculdades, para promoção da Tua honra e o serviço do Teu povo.

Não permitas jamais que a firmeza e confiança de minha fé se abatam, de sorte que a todo momento eu esteja habilitado a dizer, de coração:

“Jesus precisa de mim, e eu d’Ele”; assim nos irmanamos mutuamente.

Autor desconhecido, Sermon Illustrations, p. 96



© 2007, All rights reserved.

HUMOR

...VOCÊ CUIDARÁ DA CASA, EDUCARÁ EXEMPLARMENTE AS CRIANÇAS, COORDENARÁ O TRABALHO DAS PIANISTAS E O MINISTÉRIO FEMININO. ..

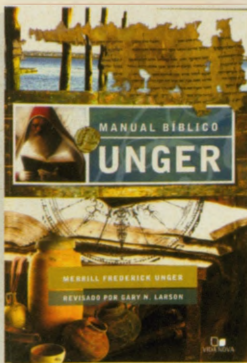
CANTARÁ NO CORAL E ACONSELHARÁ NOSSAS IRMÃS...

ENQUANTO EU, TENTAREI SALVAR O MUNDO.

AH, PRECISAMOS ENCONTRAR TEMPO PARA NÓS DOIS TAMBÉM!



© 2007, All rights reserved.



MANUAL BÍBLICO DE UNGER

Merril Frederick Unger, Editora Vida Nova, São Caetano do Sul, SP; 743 páginas; fone (11) 4226-7557, www.darvida.com.br

O Manual Bíblico de Unger reúne um verdadeiro tesouro de informações sobre a Bíblia. Certamente será uma fonte de inspiração para os que estudam a Palavra de Deus em busca de conhecimento mais aprofundado. Organizado de forma bem prática, objetivando facilitar a compreensão do leitor, este manual está repleto de ferramentas indispensáveis a um estudo sério das Escrituras.

UM MINISTÉRIO COM PROPÓSITO

Rick Warren, Editora Vida, São Paulo, SP; 395 páginas; telefax: (11) 6096-6814, www.editoravida.com.br

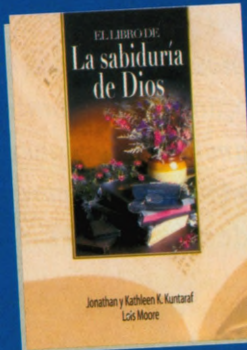


Este livro fornece orientações para formação e manutenção de uma equipe de trabalho espiritualmente sólida, que construa os alicerces da vida cristã dos jovens. É material indispensável para o trabalho com adolescentes e jovens. Escrito com base nos propósitos fundamentais de evangelismo, discipulado, comunhão e adoração, *Um Ministério com Propósito* pode

ser aplicado no contexto de qualquer igreja, independentemente de seu tamanho, denominação ou modelo de liderança existente.

EL LIBRO DE LA SABIDURIA DE DIOS

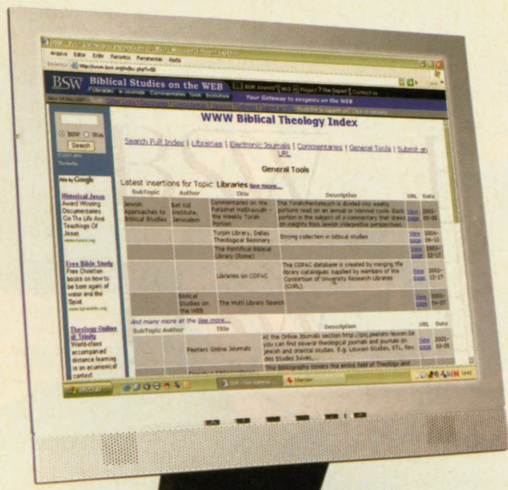
Jonathan e Kathleen K. Kuntaraf, Asociación Casa Editora Sudamericana, Buenos Aires, Argentina, 156 páginas; fone (11) 4760-2426; fax 4760-0416, www.aces.com.ar



Em um mundo de tantos questionamentos, crises de liderança, dúvidas e conceitos contraditórios, *El Libro de la Sabiduría de Dios* reafirma a confiança na Bíblia como fonte de respostas para todas as questões. Com argumentos fundamentados em descobertas científicas e arqueológicas, os autores mostram que,

em se tratando da Bíblia, sempre temos algo a aprender; e o que já sabemos pode conter reveladoras surpresas.

VEJA NA INTERNET www.bsw.org



Esse é o endereço de um portal cuja proposta é catalogar e facilitar o acesso a revistas teológicas e sites que disponibilizam material na internet para exegese bíblica. Embora o objetivo seja tão amplo, o site tem uma apresentação muito simples, pois apenas classifica o material em: *Libraries*, *e-Journals*, *Commentaries* e *Tools*. E, sobre cada Tópico, informa: Autor, Título, uma breve descrição do conteúdo, URL (aí está o link onde se deve clicar para ser direcionado ao site onde se encontra o material que despertou seu interesse) e a data em que o link foi anexado. Como é a característica da internet, um desses links pode levar a um texto profundo sobre algum detalhe dos achados em Qumran e outro a um material mais prático. O que encanta é a facilidade de acesso a textos e estudos teológicos produzidos nos locais mais diversos. – Márcio Dias Guarda



Alejandro Bullón

Secretário ministerial da
Divisão Sul-Americana

Dois a dois

Não faz muito tempo, conversei com um jovem pastor que estava perplexo. Após realizar uma semana de oração, em que toda a igreja se consagrou a Deus, ele lançou o programa missionário do ano. Apenas seis semanas depois, e tudo voltara a ser como antes: os membros continuavam indiferentes ao compromisso com a vida espiritual e com a missão. “Onde errei, pastor?”, perguntou-me, angustiado.

Penso que o drama enfrentado por aquele jovem pastor é o mesmo de muitos outros colegas. Por que as coisas não dão certo? Por que, quando lançamos um plano de trabalho, todos ficam entusiasmados, porém, depois de algum tempo, aparentemente nada acontece? Em meu país, existe um ditado popular segundo o qual “muitos planos têm partida de cavalo de corrida, mas chegada de jogue”. Até que ponto isso é realidade em sua experiência? A fim de encontrarmos a solução para esse problema, precisamos voltar ao que a Bíblia e os escritos de Ellen G. White dizem a respeito. Deus não falha. Em Sua Palavra, sempre há respostas para as inquietudes humanas.

Observemos o “lançamento da missão”, nas palavras de Jesus: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28:19).

Para os membros da igreja primitiva, “ir” era viver, e viver era “ir”; ou seja, “ir” era a própria vida. Hoje, para nós, “ir” é apenas uma atividade que faz parte da vida.

O livro de Atos descreve a vida dos primeiros cristãos nos seguintes termos: “Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade” (At 2:44, 45). Era um estilo de vida comprometido com a missão. Os discípulos entenderam que, quando Jesus Cristo lhes ordenou ir, mostrou não apenas um modo de cumprir a missão, mas um estilo de viver.

Ellen White escreve a respeito desse assunto: “Chamando os doze para junto de Si, Jesus ordenou-lhes que fossem dois a dois pelas cidades e aldeias. Nenhum foi mandado sozinho, mas irmão em companhia de irmão, amigo ao lado de amigo” (*O Desejado de Todas as Nações*, p. 350).

Historicamente, temos nos apoiado nessa declaração para organizar duplas missionárias, cuja missão é visitar

pessoas interessadas em conhecer a Palavra de Deus e ministrá-lhes estudos bíblicos. Esse plano tem sido uma bênção para a igreja. E quando Jesus orientou que os discípulos fossem “dois a dois”, não se referiu apenas ao cumprimento da missão, mas também ao modo de viver.

Deus jamais planejou que Seus filhos vivessem isolados. “Não é bom que o homem esteja só”, disse Ele na criação. Se não é bom, é ruim. Por quê? Porque o nível do isolamento é o nível do fracasso, da derrota, do egoísmo e da apostasia.

Enquanto Adão e Eva estivessem juntos, Satanás não teria vez. Suas tentativas para destruir o primeiro casal estariam condenadas ao fracasso. A tragédia sobreveio quando eles estavam separados. Quando o inimigo vê alguém sozinho, seus olhos brilham de alegria, porque, sozinha, a presa será vítima fácil de suas investidas.

Cristo sabia que Seus discípulos nunca viveriam vitoriosamente, nem cumpririam a missão, a menos que aprendessem a viver “dois a dois”. Isso não é sugestão nem mero conselho. Também não é uma simples idéia que possamos escolher concretizar ou não. A afirmação é clara, ao indicar que “chamando os doze para junto de Si, Jesus ordenou-lhes que fossem dois a dois pelas cidades e aldeias”. O Mestre está falando simplesmente de uma via-

gem missionária pelas cidades e aldeias. Ele disse: “e sereis Minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da Terra” (At 1:8). Testemunhar é viver, é cumprir a missão, e os discípulos, de acordo com a ordem divina, não deveriam viver sozinhos, porque “assim se poderiam auxiliar e animar mutuamente, aconselhando-se entre si, e orando um com o outro, a força de um suprimindo a fraqueza do outro” (*Ibid.*).

Se a igreja não estiver organizada dentro desse parâmetro, qualquer plano de trabalho fracassará. Não por causa do plano, mas por causa do ser humano. Ninguém foi criado para viver sozinho. Isso é verdade também na igreja. Sozinha, a pessoa é como brasa tirada do fogo; em pouco tempo se apagará. “Teria muito mais êxito a obra evangélica em nossos dias, fosse esse exemplo mais estritamente seguido.” (*Ibid.*).

Êxito! Não é isso o que você deseja? Então, siga estritamente a ordem de Deus, e escreva, com Sua ajuda, as páginas gloriosas de seu pastorado. ❀

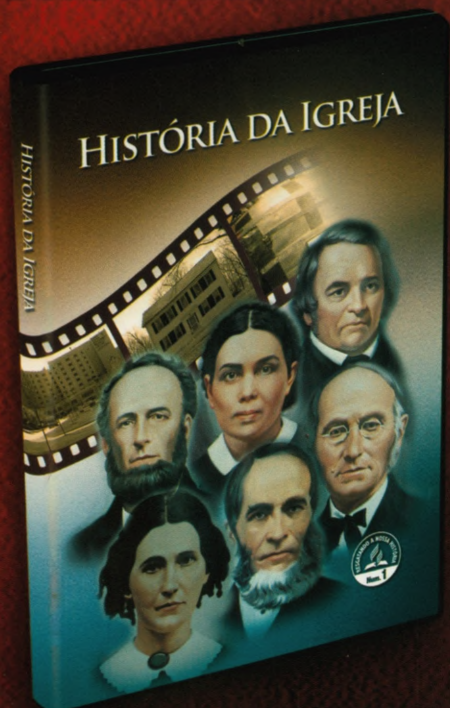
*“Nenhum discípulo
foi enviado a
trabalhar
sozinho”*

DVDs



HISTÓRIA DA IGREJA

O DOM PROFÉTICO



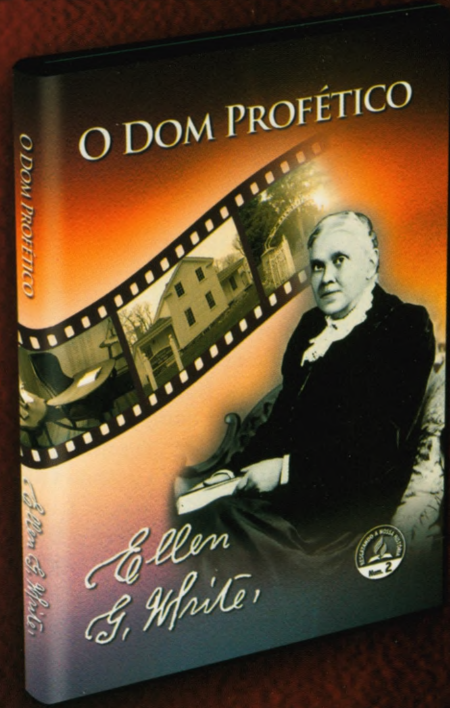
Apresentados por:



Pr. Alberto R. Timm
Diretor do Centro
de Pesquisas
Ellen G. White



Pr. Arilton C. Oliveira
ESMP – UEB



A Igreja Adventista do Sétimo Dia surgiu como um movimento profético de restauração das verdades bíblicas para o tempo do fim. A plataforma doutrinária da denominação é composta por verdades históricas, que haviam sido esquecidas pelo cristianismo em geral e que necessitavam ser restauradas, bem como por verdades escatológicas, cuja relevância se deve ao cumprimento das profecias bíblicas referentes ao tempo em que vivemos. Este DVD foi filmado nos próprios lugares históricos do movimento milenarista e da Igreja Adventista do Sétimo Dia nos Estados Unidos. Ele lhe dá a oportunidade de refletir sobre o surgimento histórico, a base bíblica e a relevância contemporânea de temas fundamentais da fé adventista.

Nos momentos cruciais da história bíblica, quando a verdade e o erro estavam em conflito e a verdade precisava ser restaurada, esse processo de restauração era assistido pela manifestação do dom profético. Os adventistas do sétimo dia creem que a restauração da verdade para o tempo do fim também contou com a manifestação do dom profético, manifesto na vida e obra de Ellen G. White. Sua função não era substituir a Bíblia, e sim, enaltecer os ensinamentos bíblicos, reprovando as tradições humanas que conspiram contra esses ensinamentos. Este DVD foi filmado em alguns dos mais importantes lugares históricos relacionados com Ellen G. White nos Estados Unidos. Nele você saberá mais sobre essa importante personagem da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Preparado para Pequenos Grupos, esses DVDs podem ser usados também nos cultos em família e em reuniões públicas, incluindo os Cultos JA. Você, sua família e seus amigos não podem deixar de receber as bênçãos que o Senhor deseja lhes conceder através destas atrativas séries.

Para adquirir ligue: 0800-9790606*, acesse: www.cpb.com.br, faça seu pedido no SELS de sua associação ou dirija-se a uma das Lojas da CASA.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

